



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

JOSÉ HONOR DE BRITO NETO

EXPRESSÕES CULTURAIS, NARRATIVAS E OUTRAS ECOLOGIAS NOS
COTIDIANOS ESCOLARES DA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL “ADÃO
BENEZATH”

VITÓRIA 2024



JOSÉ HONOR DE BRITO NETO

**EXPRESSÕES CULTURAIS, NARRATIVAS E OUTRAS ECOLOGIAS
NOS COTIDIANOS ESCOLARES DA EMEF ADÃO BENEZATH**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Soler Gonzalez.

VITÓRIA

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

Ata da sessão da centésima octogésima sexta defesa de dissertação do Programa de Pós-graduação Profissional em Educação (PPGPE), do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, do discente **JOSÉ HONOR DE BRITO NETO**, candidato ao título de Mestre em Educação, realizada às **14h00min** do dia **vinte e oito de novembro de dois mil e vinte e quatro**. O presidente da Banca, Soler Gonzalez, apresentou os demais membros da comissão examinadora, constituída pelos Doutores Kezia Rodrigues Nunes e Patrícia Raquel Baroni. Em seguida, cedeu a palavra ao candidato que em trinta minutos apresentou sua dissertação intitulada **“EXPRESSÕES CULTURAIS, NARRATIVAS E OUTRAS ECOLOGIAS NOS COTIDIANOS ESCOLARES DA EMEF "ADÃO BENEZATH”**”. Terminada a apresentação do aluno, o presidente retomou a palavra e a cedeu aos membros da Comissão Examinadora, um a um, para procederem à arguição. O presidente convidou a Comissão Examinadora a se reunir em separado para deliberação. Ao final, a Comissão Examinadora retornou e o presidente informou aos presentes que a dissertação havia sido APROVADA. O presidente, então, deu por encerrada a sessão da qual se lavra presente ata, que vai assinada pelos membros da banca examinadora.

Vitória, 28 de novembro de 2024.

Documento assinado digitalmente
SOLER GONZALEZ
Data: 28/11/2024 20:17:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Soler Gonzalez

Orientador

Documento assinado digitalmente
KEZIA RODRIGUES NUNES
Data: 02/12/2024 14:28:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Kezia Rodrigues Nunes

Membro Interno (PPGPE/Ufes)

Documento assinado digitalmente
PATRICIA RAQUEL BARONI
Data: 02/12/2024 13:39:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Patrícia Raquel Baroni

Membro Externo (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

N469e NETO, JOSÉ HONOR DE BRITO, 1965-
EXPRESSÕES CULTURAIS, NARRATIVAS E OUTRAS
ECOLOGIAS NO COTIDIANO DA ESCOLA MUNICIPAL
DE ENSINO FUNDAMENTAL ADÃO BENEZATH / JOSÉ
HONOR DE BRITO NETO. - 2024.
106 p. : il.

Orientador: SOLER GONZALEZ.

Coorientadores: PATRICIA RAQUEL BARONI, KESIA
RODRIGUES NUNES.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal
do Espírito Santo, Centro de Educação.

I. GONZALEZ, SOLER. II. BARONI, PATRICIA
RAQUEL. III. NUNES, KESIA RODRIGUES. IV.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. V.
Título.

CDU: 37

Este trabalho é dedicado ao meu amor: Ana Lucia.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, José Primo e Juracy, razões de eu estar aqui.

Às minhas irmãs, Mana e Lôra, que foram muito importantes na construção de minha autonomia, todos sempre acreditando que juntos somos mais fortes, com isso, a distribuição do amor se torna linear. Vocês significam muito para mim, tê-las ao meu lado tornou tudo mais fácil e especial.

À minha Ana Lucia, companheira especial, juntos conseguimos descobrir o sentido da vida, sempre com paciência e amor. Foi quem me encorajou para mais esse desafio.

Aos meus filhos, a quem confio todo o meu amor. Juntos sempre. Amo.

À família nordestina que me acolheu no Espírito Santo como filho e irmão, mesmo sendo genro e cunhado, Geraldo, Gil, Fátima e Marcelo.

Ao professor Paulo Roberto Gomes de Lima, que me incentivou a vir para Vitória para estudar, gratidão e o meu grande abraço.

Ao companheiro de luta e meu orientador, Prof. Dr. Soler Gonzalez, pela oportunidade de realizar mais essa conquista, acreditando, com ensinamentos compartilhados de forma provocativa, tecendo conversas e narrativas. Construir esse caminho ao seu lado fez toda a diferença na produção deste trabalho. Grande abraço, companheiro!

Às professoras Patrícia Baroni e Kezia Rodrigues, obrigado por aceitarem o convite para participar da banca examinadora desta dissertação, pelas contribuições que fizeram a diferença e por acreditarem que um mundo melhor se constrói acreditando na vivência, com igualdade e respeito às diferenças, seja elas quais forem.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação do Mestrado Profissional (PPGMPE) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

À nossa turma *Maria Inês*, turma especial desde o primeiro encontro, com profissionais comprometidos com a força da educação, que é uma ação política e que torna a nossa jornada científica, acadêmica e intelectual mais útil. Gratidão pelos momentos de bagunça e por compartilharmos comida, afetos e histórias e por construirmos amizades. Vocês são mesmo especiais!

Aos ecoamigos e às ecoamigas do grupo de pesquisa *Territórios de Aprendizagens Autopoiéticas* e do Projeto de Extensão *Narradores da Maré* pelos encontros cheios de muitos afetos, amores e ensinamentos, nos fazendo sempre eliminar das entranhas o racismo, o machismo, o sexismo, a homofobia, o fundamentalismo religioso e quaisquer outras coisas que aparecerem nos sufocando e nos impedindo de sermos humanos. Um grande beijo em todos e todas!

A todos os colegas e funcionários que fazem da EMEF Adão Benezath, uma escola de excelência, sempre aprendi muito com todos vocês. Um abraço especial em todos e em todas!

É terrível o que está acontecendo, mas a sociedade precisa entender que não somos o sal da terra. Temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente, não fazemos falta à biodiversidade. Pelo contrário. Desde pequenos, aprendemos que há lista de espécies em extinção. Enquanto essas listas aumentam, os humanos proliferam, destruindo florestas, rios e animais. Somos piores que a covid-19.

Ailton Krenak (2020, p. 7)

RESUMO

Esta pesquisa em educação ambiental aborda como tema as relações ecológicas e comunitárias das expressões culturais locais e das práticas e projetos pedagógicos realizados nos cotidianos escolares da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Adão Benezath, localizada no bairro Antônio Honório, em Vitória, capital do Espírito Santo. Apresenta como objetivo geral: cartografar e problematizar as experiências, os projetos educativos, as práticas que abordam as potencialidades ecológicas e comunitárias, bem como as problemáticas ambientais dos manguezais, com uma política pedagógica em educação ambiental antirracista, contribuindo com as redes de conhecimentos locais e com o Plano de Ação da escola. Entre os objetivos específicos, busca-se: 1) mapear e problematizar, com a participação da comunidade (estudantes e professores), as expressões culturais locais, os projetos e as práticas pedagógicas que abordam as problemáticas e as potencialidades ecológicas do entorno; 2) criar um acervo com a participação da comunidade escolar, reunindo documentos, mapas, fotografias, projetos pedagógicos e outros artefatos culturais sobre a escola. Para tanto, o presente estudo adota como referencial teórico a perspectiva freireana de educação, em diálogo com autores do campo da Educação Ambiental e dos Territórios de aprendizagens autopoieticas, com vistas à ecologia decolonial, reconhecendo outros saberes e cosmovisões ancestrais. Recorre-se à pesquisa narrativa como abordagem metodológica, mapeando projetos e práticas realizadas com/por docentes e moradores locais que vivem próximos à escola. Nesse contexto, o estudo se fundamenta na cotidianidade das ações escolares, afirmando a atitude ética e política da dialogicidade no processo de pesquisa com os diferentes sujeitos. Como resultados, o presente trabalho visa mapear os projetos e as práticas pedagógicas realizadas no cotidiano escolar da EMEF Adão Benezath em interlocução com as expressões culturais locais, bem como criar uma exposição/oficinas pedagógicas itinerantes, interativas, acessíveis e inclusivas que contribuam com uma educação ambiental antirracista e como prática de liberdade.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Educação Ambiental Antirracista; Narrativas; Cotidiano Escolar; Práticas Pedagógicas Libertadoras.

ABSTRACT

This research in environmental education addresses the ecological and community relations of local cultural expressions and pedagogical practices and projects carried out in the daily school routines of the Adão Benezath Municipal Elementary School (EMEF), located in the Antônio Honório neighborhood, in Vitória, capital of Espírito Santo. Its general objective is to map and problematize the experiences, educational projects, and practices that address the ecological and community potential, as well as the environmental problems of mangroves, with an anti-racist pedagogical policy in environmental education, contributing to local knowledge networks and the school's Action Plan. Among the specific objectives, the aim is to: 1) map and problematize, with the participation of the community (students and teachers), local cultural expressions, projects, and pedagogical practices that address the ecological problems and potential of the surrounding area; 2) create a collection with the participation of the school community, gathering documents, maps, photographs, pedagogical projects and other cultural artifacts about the school. To this end, this study adopts Freire's perspective of education as a theoretical framework, in dialogue with authors from the field of Environmental Education and Autopoietic Learning Territories, with a view to decolonial ecology, recognizing other ancestral knowledge and worldviews. Narrative research is used as a methodological approach, mapping projects and practices carried out with/by teachers and local residents who live near the school. In this context, the study is based on the daily activities of schools, affirming the ethical and political attitude of dialogicity in the research process with different subjects. As a result, this work aims to map the projects and pedagogical practices carried out in the daily school life of EMEF Adão Benezath in dialogue with local cultural expressions, as well as to create an itinerant, interactive, accessible and inclusive pedagogical exhibition/workshops that contribute to anti-racist environmental education and as a practice of freedom.

Keywords: Environmental Education; Anti-Racist Environmental Education; Narratives; Daily School Life; Liberating Pedagogical Practices.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Fazenda na Chapada do Araripe, no interior do estado do Ceará	19
Imagem 2: Cisterna com canteiros e secador	19
Imagem 3: Cisterna abastecida pela calha.....	20
Imagem 4: Cisterna com coleta em calhas de zinco.....	20
Imagem 5: Sistema de calhas para coleta de água.....	20
Imagem 6: Folia de Reis da nova geração.....	22
Imagem 7: Folia de Reis da geração adulta.....	22
Imagem 8: Banda Cabaçal de Pífano dos Irmãos Aniceto (1).....	23
Imagem 9: Banda Cabaçal de Pífano dos Irmãos Aniceto (2).....	23
Imagem 10: Apresentação da dança Maneiro Pau	24
Imagem 11: Mapa Cartográfico do bairro Goiabeiras.....	27
Imagem 12: Oficina de mapas (Jamilda, Ergidea e Sandra)	30
Imagem 13: Izabel fazendo panela sentada	30
Imagem 14: Panelas e integrantes da Banda de Congo Panela de Barro	31
Imagem 15: Manguezal de Goiabeiras, em Vitória, no Espírito Santo	32
Imagem 16: Casa do conjunto habitacional.....	34
Imagem 17: Foto aérea do bairro goiabeiras	35
Imagem 18: Antiga rua do valão (atual Avenida Fernando Duarte Rabelo).....	35
Imagem 19: Foto atual da Avenida Fernando Duarte Rabelo	35
Imagem 20: Casa reformada.....	36
Imagem 21: Localização aérea da Escola Municipal de Ensino Fundamental Adão Benezath	43
Imagem 22: Crianças Xhosa mostram o que é Ubuntu: Eu sou porque nós somos	48
Imagem 23: Livro Zacimba Gaba: Princesa Guerreira – a história que não te contaram, da autora capixaba Noélia Miranda.....	49
Imagem 24: Comemoração dos 50 anos da escola.....	49
Imagem 25: Livros da autora capixaba Noélia Miranda	50
Imagem 26: Inauguração da biblioteca Noélia Miranda	51
Imagem 27: Painel da biblioteca Noélia Miranda	51
Imagem 28: Porta da Biblioteca Noélia Miranda	51

Imagem 29: Grupo de alunos e de professores Escola Municipal de Ensino Fundamental Adão Benezath.....	52
Imagem 30: Dia de autógrafos	52
Imagem 31: Encontro com a escritora Geisa Lacerda.....	53
Imagem 32: Confecção da boneca Abayomi (1)	53
Imagem 33: Confecção da boneca Abayomi (2)	54
Imagem 34: Presença de dois africanos de Cabo Verde na escola.....	54
Imagem 35: Alunos com as bandeiras de Cabo Verde.....	55
Imagem 36: Símbolos Adinkra.....	55
Imagem 37: Oficina de desenho dos símbolos Andinkra (1)	56
Imagem 38: Oficina de desenho dos símbolos Andinkra (2)	56
Imagem 39: Oficina de desenho dos símbolos Andinkra (3)	57
Imagem 40: Professor Elbert Agostinho, autor de quadrinhos de super-heróis negros (1).....	57
Imagem 41: Professor Elbert Agostinho, autor de quadrinhos de super-heróis negros (2).....	58
Imagem 42: Comemoração do dia mundial da mulher negra e caribenha (1).....	58
Imagem 43: Comemoração do dia mundial da mulher negra e caribenha (2).....	59
Imagem 44: Caminhada em defesa do manguezal de goiabeiras	59
Imagem 45: Visita ao galpão das Paneleiras	60
Imagem 46: Casacas construídas pelos alunos	60
Imagem 47: Máscaras de congo confeccionada pelos alunos	61
Imagem 48: Momento formativo (1).....	62
Imagem 49: Momento formativo (2).....	63
Imagem 50: Momento formativo (3).....	63
Imagem 51: Momento formativo (4).....	64
Imagem 52: Momento formativo (5).....	64
Imagem 53: Práticas de Círculos de Paz(1).....	65
Imagem 54: Práticas de Círculos de Paz(2).....	65
Imagem 55: Diretrizes do planejamento do Círculo de Paz.	66
Imagem 56: Planejamento para círculos de paz	67
Imagem 57: Práticas de Círculos de Paz(3).....	67
Imagem 58: Práticas de Círculos de Paz(4).....	68
Imagem 59: Práticas de Círculos de Paz(5).....	68
Imagem 60: Exposição de artefatos indígenas (1).....	69
Imagem 61: Exposição de artefatos indígenas (2).....	70

Imagem 62: Culminância do projeto Literatura e ludicidade: dos povos originários à afro-brasileiros (1).....	70
Imagem 63: Culminância do projeto Literatura e ludicidade: dos povos originários à afro-brasileiros (2).....	71
Imagem 64: Mesa de livros ofertados para leitura	72
Imagem 65: Momento de escolha dos livros (1)	72
Imagem 66: Momento de escolha dos livros (2)	73
Imagem 67: Momento de produção de texto (1)	73
Imagem 68: Momento de produção de texto (2)	74
Imagem 69: Momento de produção de texto (3)	74
Imagem 70: Momento de produção de texto (4)	75
Imagem 71: Paneleira realizando a pintura da panela	76
Imagem 72: Paneleira Lucy Barbosa Salles, de 78 anos, natural do bairro de Goiabeiras	77
Imagem 73: Parque do Mulembá (1).....	78
Imagem 74: Parque do Mulembá (2).....	78
Imagem 75: Alunos em visita ao parque do Mulembá.....	79
Imagem 76: Chegada do barro ao galpão das Paneleiras	79
Imagem 77: Chegada do barro ao galpão das Paneleiras	80
Imagem 78: Momento da queima a céu aberto	80
Imagem 79: Momento da pintura da peça	80
Imagem 80: Momento da pintura da peça	81
Imagem 81: Exposição das panelas para venda	81
Imagem 82: Banda de Congo Panela de Barro.....	84
Imagem 83: Apresentação da Banda de Congo Panela de Barro.	84
Imagem 84: Projeto Instrumentarte (1)	87
Imagem 85: Projeto Instrumentarte (2)	87
Imagem 86: Projeto Instrumentarte (3)	87
Imagem 87: Projeto Instrumentarte (4)	88
Imagem 88: Projeto Instrumentarte (5)	88
Imagem 89: Projeto Instrumentarte – congo na escola, momento de ensaio (1).....	89
Imagem 90: Projeto Instrumentarte – congo na escola, momento de ensaio (2).....	90
Imagem 91: Banda de congo Panela de Barro Mirim, quintal da Jamilda (1)	91
Imagem 92: Banda de congo Panela de Barro Mirim, quintal da Jamilda (2)	91
Imagem 93: Banda de congo Panela de Barro Mirim, quintal da Jamilda (3)	92

Imagem 94: Projeto Instrumentarte – congo na escola, momento do cortejo (1).....	92
Imagem 95: Projeto Instrumentarte – congo na escola, momento do cortejo (2).....	93
Imagem 96: Projeto Instrumentarte – congo na escola, momento do cortejo (3).....	93
Imagem 97: Representação gráfica feita pelos alunos participantes do projeto de congo (1)	94
Imagem 98: Representação gráfica feita pelos alunos participantes do projeto de congo (2)	95
Imagem 99: Representação gráfica feita pelos alunos participantes do projeto de congo (3)	95
Imagem 100: Representação gráfica feita pelos alunos participantes do projeto de congo (4)	96
Imagem 101: Representação gráfica feita pelos alunos participantes do projeto de congo (5)	97
Imagem 102: Representação gráfica feita pelos alunos participantes do projeto de congo (6)	98
Imagem 103: Representação gráfica feita pelos alunos participantes do projeto de congo (7)	99
Imagem 104: Representação gráfica feita pelos alunos participantes do projeto de congo (8)	99
Imagem 105: Representação gráfica feita pelos alunos participantes do projeto de congo (9)	99

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: ASPECTOS GERAIS DO PROJETO DE PESQUISA E DO CAMPO DA PESQUISA	14
1.1 AS VIVÊNCIAS QUE DIFERENCIAM O ENXERGAR E O VIVER O MUNDO....	18
2 CONTEXTO DO CAMPO DA PESQUISA	27
2.1 O BAIRRO GOIABEIRAS VELHA E ANTÔNIO HONÓRIO COM SUAS EXPRESSÕES CULTURAIS QUE DESENCADAIAM APRENDIZAGEM, VIDA E VIVÊNCIAS NO COTIDIANO DA EMEF ADÃO BENEZATH.....	27
2.2 NARRATIVAS ACERCA DO BAIRRO ANTÔNIO HONÓRIO.....	33
3 BASES TEÓRICAS/METODOLÓGICAS	38
4 COTIDIANOS ESCOLARES, COMUNIDADE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EMEF ADÃO BENEZTH	43
4.1 COTIDIANOS ESCOLARES, COMUNIDADE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EMEF ADÃO BENEZTH NO ANO DE 2022	47
4.2 COTIDIANOS ESCOLARES, COMUNIDADE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EMEF ADÃO BENEZTH NO ANO DE 2023	61
4.3 COTIDIANOS ESCOLARES, COMUNIDADE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EMEF ADÃO BENEZTH NO ANO DE 2024	69
5 CONTEXTO DA PESQUISA E AS EXPRESSÕES CULTURAIS LOCAIS	76
5.1 AS PANELEIRAS DE GOIABEIRAS VELHA TRAZENDO O OFÍCIO COMO RESISTÊNCIA POLÍTICA	76
5.2 O CONGO NA SUA EXPRESSÃO CULTURAL ANCESTRAL E A PARTICIPAÇÃO DA BANDA DE CONGO <i>PANELA DE BARRO</i> NOS COTIDIANOS ESCOLARES DA EMEF “ADÃO BENEZATH”	82
6 PRODUTO EDUCACIONAL	101
REFERÊNCIAS	104

1 INTRODUÇÃO: ASPECTOS GERAIS DO PROJETO DE PESQUISA E DO CAMPO DA PESQUISA

Este projeto de pesquisa, intitulado *Expressões culturais, narrativas e outras ecologias nos cotidianos escolares da EMEF Adão Benezath*, aborda como temática as educações ambientais e as outras ecologias que habitam os cotidianos escolares da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Adão Benezath. Entendemos o cotidiano escolar a partir dos estudos realizados por Nilda Alves, que nos revela saberes.

Nas pesquisas com os cotidianos partimos da ideia de que pensar as práticas cotidianas de viver dentro e para além das macro negociações políticas e econômicas permite nos aproximar da complexidade da vida sem abrir mão de todas as redes que formamos e nas quais nos formamos. Neste sentido, nunca buscamos estudar sobre os cotidianos, mas, estudar nos/dos/com os cotidianos, assumindo a nossa total implicação neste processo, entendendo-nos, sempre, como neles mergulhadas. Estudar e pesquisar com os cotidianos de pessoas comuns, com as histórias comuns que nos são contadas – porque nessas pesquisas as narrativas (todos os sons) e imagens contam (Alves, 2019, p. 102).

Desse modo, a intencionalidade de executarmos esta pesquisa se justifica a partir da produção de conhecimentos realizada pelos estudantes, pelos professores e pela comunidade.

Os sujeitos da pesquisa, como nos instiga Paulo Freire (1996, p. 7), são reconhecidos aqui também como sujeitos da história: “[...] é a convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócios-históricos-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando”. Compreendemos os educadores e educadoras, os educandos e educandas, os funcionários e funcionárias, assim como pais e mães, avós e avôs, tios e tias, como parte da comunidade escolar da EMEF Adão Benezath e, portanto, como sujeitos da pesquisa.

Também são sujeitos da pesquisa a comunidade em geral e as suas expressões culturais, principalmente as Paneleiras de Goiabeiras, a banda de congo *Panela de Barro*, os catadores de caranguejos, os pescadores e os grupos comunitários locais, entre eles o *SOS_Manguezal*, coletivo que trabalha em prol do manguezal e de questões que envolvem esse ecossistema e o seu entorno. Mais adiante, falaremos um pouco desses grupos que nos cercam e que são a história viva do bairro Antônio Honório, onde a escola está inserida.

Habitando os *espaçotempos*¹ e os cotidianos escolares da pesquisa, deparamo-nos com os saberes dos educandos e as suas relações cotidianas com a comunidade, o manguezal e as expressões culturais que fazem parte da vida comunitária em que o campo da pesquisa está inserido. Entendemos por cotidianos escolares a possibilidade de estudar e de pesquisar com os cotidianos de pessoas comuns, com os trabalhos desenvolvidos nos ambientes escolares e com as narrativas das pessoas envolvidas na investigação.

Esse cenário suscita algumas problematizações que alimentam o nosso processo de pesquisa: as expressões culturais do bairro potencializam práticas comunitárias voltadas para a preservação dos manguezais e para o aprendizado escolar? Que ecologias e educações ambientais emergem nos cotidianos escolares e de que modo elas se entrelaçam com a cultura do mangue?

Compartilhamos a noção de cultura do mangue a partir do Trabalho de Conclusão de Curso *Educação ambiental e cultura de mangue nos cotidianos escolares: práticas pedagógicas que aproximam a escola, universidade e a comunidade*, apresentado ao Departamento de Educação, Política e Sociedade, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo, na qual as autoras afirmam que: “[...] com isso ressaltamos que a cultura de mangue dialoga com diferentes saberes se aproximando das raízes ancestrais e históricas da região e das comunidades locais que vivem e sobrevivem em áreas de manguezais” (Oliveira *et al.*, p. 25).

Diante desse contexto da pesquisa, no qual estão entrelaçados o cotidiano escolar, a comunidade e os manguezais, elencamos como objetivo geral cartografar e problematizar as experiências, os projetos educativos e as ações comunitárias por meio de pesquisa bibliográfica e documental com fotos e narrativas, contribuindo com as redes de conhecimentos locais e com o Plano de Ação da EMEF Adão Benezath. A partir dessas questões, estabelecemos os seguintes objetivos específicos para este projeto de pesquisa:

- a) Realizar pesquisa bibliográfica e documental com fotos e narrativas para mapear e problematizar as experiências, os projetos educativos e as ações comunitárias que abordam as problemáticas ambientais locais, contribuindo com as redes de conhecimentos locais e com o Plano de Ação da EMEF Adão Benezath;

¹ Para Alves (2010, p. 68), “juntar os termos, pluralizá-los, algumas vezes invertê-los, outras duplicá-los, foi a forma que conseguimos, até o presente, para mostrar como as dicotomias necessárias na invenção da ciência moderna têm se mostrado limitantes ao que precisamos criar para pesquisar nos/dos/com os cotidianos”.

- b) Cartografar e criar um álbum com a história da escola e do bairro Antônio Honório, composto por fotos, narrativas e mapas.
- c) Criar, com a participação dos alunos, dos professores e da comunidade, um acervo com diferentes tipos de artefatos culturais (vídeos, narrativas, fotografias, mapas, livros, maquete *etc.*) que abordem a comunidade local, narrativas, ecologias, ancestralidades e as expressões culturais – sendo esse, portanto, o produto educacional da pesquisa.

Considerando que os objetivos acima se configuram como as nossas intencionalidades com esta pesquisa, recorreremos a estudos e a práticas pedagógicas nos cotidianos escolares que possibilitaram entender as atividades comunitárias que envolvem as expressões culturais e os manguezais da região de Goiabeiras. São eles: os relatórios de Iniciação Científica vinculados ao Grupo de Pesquisa (CNPq) *Território de aprendizagens autopoieticas*, na Linha de Pesquisa *Ensino de Geografia e Educação Ambiental*, tendo como base o Projeto de Pesquisa *Narradores da Maré: Geografias dos manguezais capixabas e formação de professores/as*.

- a) *Perpetuação dos saberes populares tradicionais dos catadores de caranguejo e das Paneleiras do bairro Goiabeiras Velha através de vídeo documentário experimental* (Gabriel Silva Nogueira)²;
- b) *Perspectivas ecologistas nas narrativas contadas pelas Paneleiras de Goiabeiras e suas contribuições com a formação de educadores/as* (Lucas de Souza Leite)³.

Assim como os relatórios de Iniciação Científica, as dissertações defendidas pelos membros do Grupo de Pesquisa *Territórios de Aprendizagens Autopoieticas* contribuíram para a análise dos dados obtidos por este estudo, aproximando esses dados com a educação ambiental antirracista e os cotidianos escolares. São elas:

- a) *Educação ambiental e o racismo ambiental no bairro José de Anchieta – Serra/ES e nos cotidianos escolares* (Gama, 2022);

² Disponível em: [Descrição \(ufes.br\)](https://ufes.br). Acesso em: 21 out. 2024.

³ Disponível em: [Descrição \(ufes.br\)](https://ufes.br). Acesso em: 21 out. 2024.

- b) *Entre fios, nós e educações ambientais: narrativas ecologistas das mulheres de Cariacica/ES* (Ribeiro, 2021);
- c) *Educações ambientais com os usos de drones e artefatos tecnoculturais na reserva de desenvolvimento sustentável dos manguezais de Cariacica e nos cotidianos escolares* (Faria, 2021)⁴;
- d) *Cartografias e narrativas das educações ambientais e ecologias insubmissas nos cotidianos das mulheres na bacia do Rio Formate, Viana (ES)* (Santos, 2020).

Como aporte teórico e metodológico desta pesquisa, fazemos uso das *imagensnarrativas* para expressar nos textos as ações, como nos ensina Nilda Alves (2010, p. 195-196): “como todo ato humano, as narrativas – as próprias fotografias, ou o que sobre elas é contado – só ganha sentido porque são feitas em relação de praticantes, em situações culturais que têm sentido para todos os envolvidos”.

As teses do Grupo de Pesquisa *Territórios de Aprendizagens Autopoiéticas* nos deram a condição de entender as relações dos cotidianos escolares com as vivências da comunidade e as práticas de resistência. São elas:

- a) *Educação ambiental autopoiética com as práticas do bairro Ilha das Caieiras entre os manguezais e as escolas* (Gonzalez, 2013);
- b) *Mulheres no congo do Espírito Santo: práticas de re-existência ecologista com os cotidianos escolares* (Ramos, 2018).

Este aporte teórico e metodológico também conversa com as pesquisas dos cotidianos escolares (Alves, 2019), com o pensar decolonial (Ferdinand, 2022), com os saberes dos povos originários (Krenak, 2019), com as pesquisas narrativas (Reigota, 1999) e com a perspectiva do diálogo amoroso (Freire, 1987).

Na possibilidade de buscarmos desenvolver a pesquisa por meios de narrativas, de vivências e de cotidianos, traremos também as narrativas ficcionais, que Reigota (2018, p. 72) aponta como sendo uma forma ética de preservarmos a identidade dos *informantes* dos dados

⁴ Pesquisa também disponível em formato de livro, sob autoria de Fledson Silva Faria e Soler Gonzale, publicado em 2022, pela editora Pedregulho, de Vitória, Espírito Santo.

que colheremos:

Os meus “informantes,” evidentemente, têm sua identidade camuflada por questões éticas e porque são pessoas muito queridas. Com isso tenho usado e abusado das possibilidades ficcionais, criando personagens e cenários a partir dos relatos que tenho. Cada um dos meus informantes poderá se reconhecer/identificar em parte ao longo do texto, mas dificilmente se reconheceria completamente, já que misturo as informações, características pessoais, paisagens etc.

A presente pesquisa aborda as expressões culturais, as narrativas e outras ecologias nos cotidianos escolares, considerando não apenas o contexto informativo, mas também a relação do conhecimento com as suas raízes, a cultura e o processo local de desenvolvimento.

Como produto educacional, apresentaremos uma exposição/formação itinerante de fotos, vídeos e narrativas provenientes de olhares, de vivências e de experiências dos estudantes, dos professores e da comunidade, assim como elaboraremos sugestões de oficinas sobre a história do território em que vivem e sobrevivem com as suas expressões culturais, costumes e relações.

1.1 AS VIVÊNCIAS QUE DIFERENCIAM O ENXERGAR E O VIVER O MUNDO

Nesta seção, faço referências à minha responsabilidade no processo educacional com o qual estou envolvido, pois desde criança trago aprendizagens vivenciadas na comunidade. Remeto-me à minha infância no interior do Ceará, onde meu pai possui uma fazenda localizada na Chapada do Araripe, região em que os ensinamentos são passados de geração a geração, pois a necessidade de aprender a sobreviver é fundamental.

Imagem 1: Fazenda na Chapada do Araripe, no interior do estado do Ceará



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2019.

Por meados de 1970, para a subsistência dos moradores e dos animais criados na fazenda, já se tinha na prática o processo sustentável, pois lembro-me bem que, na casa onde ficávamos e na casa de farinha, existiam grandes calhas de zinco que rodeavam todo o telhado. Assim, toda a água da chuva era captada e direcionada para uma grande cisterna, que possuía canteiros ao lado, onde se mantinham pequenas plantações de verduras e de legumes. Ainda nos dias de hoje, o modelo de coleta permanece, garantindo a sobrevivência de várias vidas. Essa prática era uma maneira de reconhecer a Educação Ambiental como prioridade, pois se estabelecia como o respeito e a preservação desse habitat.

Imagem 2: Cisterna com canteiros e secador



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2019.

Imagem 3: Cisterna abastecida pela calha



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2019.

Imagem 4: Cisterna com coleta em calhas de zinco



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2019.

Imagem 5: Sistema de calhas para coleta de água



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2019.

A partir desse exemplo inicial em relação ao modo de vida e à sua confluência com a dinâmica ecológica local, surge uma questão: essa prática de uso da água da chuva é também uma forma de sustentabilizarmos as nossas relações em nossa vida cotidiana e com os outros seres humanos e não humanos?

No artigo *Educação Ambiental autopoietica em redes de conversações na vida cotidiana*, Gonzalez e Ramos (2014) nos agraciam com a capacidade de nos fazer perceber que a educação ambiental não se resume apenas ao juntar água, separar lixos, reciclar papéis *etc.* Temos que ter o compromisso social e político com as relações humanas e não humanas.

Entre encontros e conversas, somos devorados por problematizações. Quais as potências estéticas, éticas e políticas da EA Autopoietica na vida cotidiana? De que maneira a EA Autopoietica com as redes de conversações podem potencializar espaços de convivências comprometidos com relações de cooperação e solidariedade entre as coletividades vivas e não vivas na vida cotidiana? (Gonzalez; Ramos, 2014, p. 95).

Então cresço com a certeza de que temos a responsabilidade de cuidar do outro. Com essa certeza, passo a olhar o mundo com os outros e com as suas vivências e experiências de mundo. Nas andanças desse mundo, deparo-me com expressões culturais que nos remetem à ancestralidade, aos costumes de outros povos e ao respeito à história contada e ressignificada.

Trago então a vivência de participar de algumas apresentações culturais que foram muito significantes para que eu pudesse descobrir a importância da história política a qual somos submetidos diariamente.

De igual maneira, também trago lembranças de apresentações do folclore (expressões culturais) do sertão nordestino. Começo com o Reisado⁵, a origem da Folia de reis está associada a uma tradição cristã de origem portuguesa e espanhola, que provavelmente foi trazida para o Brasil no século XIX. É uma manifestação popular colonialista que ocorre principalmente nos estados do Nordeste do Brasil. O Reisado é uma representação teatral que conta a história dos Três Reis Magos que foram visitar o menino Jesus. Os personagens principais do Reisado são os Reis Magos, o Palhaço e o Mestre. A música é um elemento importante dessa manifestação cultural, com destaque para a sanfona, o triângulo e a zabumba. O Reisado é uma tradição que vem sendo passada de geração em geração para se manter viva

⁵ Mais informações disponíveis <https://www.todamateria.com.br/folia-de-reis/>. Acesso em: 2023.

a cultura popular.

No Nordeste, essa tradição é ressignificada e, nas andanças dos personagens, eles são recebidos pelos moradores em suas casas, que os acolhem independentemente da condição social, da cor da pele e do tamanho da moradia. Todos possuem o mesmo valor e respeito.

Imagem 6: Folia de Reis da nova geração



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2017.

Imagem 7: Folia de Reis da geração adulta



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2017.

Agora trago a banda Cabaçal de Pífano dos Irmãos Aniceto⁶, uma tradição de família em que sete irmãos tocam, dançam e contam as suas histórias vividas há anos, já combatendo o racismo e a colonialidade.

O grupo musical folclórico foi criado ainda no século XIX, na cidade de Crato, no interior do Ceará, por José Lourenço da Silva, descendente de indígenas da etnia Cariri. Gerações de uma mesma família mantêm a arte de tocar, de dançar e de representar o Cariri em uma manifestação autêntica, única e original.

Imagem 8: Banda Cabaçal de Pífano dos Irmãos Aniceto (1)



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2017.

Imagem 9: Banda Cabaçal de Pífano dos Irmãos Aniceto (2)



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2017.

⁶ Mais informações disponíveis em: [Raiz Ancestral Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto pífanos índios cariri mestre José - Pesquisar Vídeos \(bing.com\)](#). Acesso em: 21 out. 2024.

O grupo da Imagem 10 dança o *maneiro pau*⁷, que é uma dança de roda composta exclusivamente por homens. Nessa dança oriunda do cangaço, possivelmente da caririense, no sul do Ceará, eles utilizam pequenos bastões de madeira que são entrechocados e produzem um barulho no qual entoam as notas do canto.

Imagem 10: Apresentação da dança Maneiro Pau



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2017.

Em meio a essas experiências, sou obrigado a viajar para a capital do Estado do Ceará – Fortaleza, para estudar e ingressar no ensino superior. Foi quando no ano de 1986 concluí o meu ensino superior no curso de Educação Física e assim percebi que poderia ir um pouco mais além.

Passei a trabalhar a atividade física com as expressões culturais, instigando os estudantes em áreas livres a vivenciarem a cultura como meio de resgatar danças e brincadeiras, usando espaços que já se encontravam ali há décadas e que se passavam despercebidos, como parques, florestas, rios, açudes *etc.*, promovendo saúde e bem-estar e sempre trazendo a reflexão da necessidade de cuidarmos do outro para cuidarmos dessas tradições ancestrais.

Em 1990, transfiro-me para o Sudeste, mais precisamente me estabeleço em Vitória, no Espírito Santo. Ao chegar, deparo-me com uma cidade linda e também cheia de expressões culturais específicas, como as bandas de congo, a Folia de Reis e as Paneleiras. Além disso, o fato de a cidade ser cercada por mares e por montanhas e possuir um ecossistema de manguezal

⁷ Mais informações disponíveis em: [O Maneiro-Pau | História de Boa Viagem \(historiadeboaviagem.com.br\)](http://historiadeboaviagem.com.br). Acesso em: 21 out. 2024.

urbano me chamou a atenção.

Vitória possui o maior manguezal urbano do Brasil e um dos maiores do mundo, com extensão de cerca de 11 quilômetros quadrados. Desse ecossistema costeiro, que compreende toda a baía da cidade, indo do bairro Santo Antônio até o bairro Jabour, muitos capixabas tiram o seu sustento. Ele está diretamente ligado à cultura gastronômica do Estado⁸.

Início, assim, a minha trajetória no Sudeste. No ano de 2006, sou aprovado em concurso público da Secretaria Municipal de Educação, passando a trabalhar nas escolas. A partir desse momento, em contato direto com os alunos, as famílias e a comunidade, começo a realizar andanças pelos bairros, constatando que aquelas famílias viviam e sobreviviam desse ecossistema e faziam parte de um percentual da população desprovido de recursos e de políticas públicas, transformando-os em subcomunidades.

Após uma década trabalhando com essas famílias, sinto a necessidade de começar a abordar na escola as vivências e as aprendizagens trazidas pelos alunos nas suas trajetórias de vida. Perguntava-me: como e o que eles aprenderam com os seus ancestrais – pais, tios, avós? Como poderíamos construir nossas atividades juntando as suas experiências e conhecimentos?

Em 2011, torno-me diretor da EMEF Maria José Costa Moraes, situada no bairro São José, na Grande São Pedro. Na direção, passo a incentivar os professores a desenvolverem projetos que despertassem nos estudantes o interesse de se apropriar do seu habitat, de conhecer onde moram, a geografia do bairro e como vivem e sobrevivem os moradores. Grande parte desses estudantes mora nas margens do manguezal ou próxima a esse ecossistema. Assim descrevemos o bairro a partir de uma citação de Gonzalez (2013, p. 94) em sua tese de doutorado:

A rua Felicidade Correia dos Santos é um caldeirão cultural fervendo. Durante o dia é comum encontrar redes de pesca estendidas, pescadores tratando seus pescados, desfiadeiras de siris a desfiar, barraquinhas de temperos para as moquecas, canoas e embarcações sendo reformadas ou construídas, e, é claro, meninos-da-baía-de-Vitória carregando águas nas peneiras e brincando no piermanguezal. Nos finais de semana é melhor deixar o carro e andar pela rua a pé, pois o quintal-comunitário e familiar dos moradores é a própria rua. O público e o privado se confundem enquanto espaços de relações comunitárias. A rua tem um pier. Quer encontrar alguém?! Vá ao pier. Lá

⁸ Informação disponível em: [Qual o maior manguezal do Brasil? \(vocepergunta.com\)](https://vocepergunta.com). Acesso em: 21 out. 2024.

você vai ouvir o jeito singular e performático das artes de narrar os ilhês, linguajar falado e vivido entre os narradores das marés e sujeitos praticantes das margens.

Em 2020, volto à direção escolar, agora na EMEF Adão Benezath, no bairro Antônio Honório, na grande Goiabeiras. Os aspectos relacionados à escola e à comunidade serão abordados mais adiante, em um tópico específico.

Após essas experiências, sinto ser necessário ir mais além. Como gestor, tenho percebido que os educadores possuem dificuldades em superar a narração ou a dissertação como verdades do processo educacional. Para Freire (1987, p. 57), “a tônica da educação é preponderantemente esta – narrar, sempre, narrar”. “Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação” (Freire, 1987, p. 57).

No próximo capítulo, falaremos do contexto do campo da pesquisa, onde se dá o desenvolvimento educacional, e aí abordaremos as expressões culturais e a educação ambiental no cotidiano escolar moldadas na concepção colonial e mercadológica. Buscaremos problematizar esse panorama, pensando a educação ambiental como educação ambiental política. Reigota (2009, p. 13) afirma que a educação ambiental política “Está comprometida com a ampliação da cidadania, da liberdade, da autonomia e da intervenção direta dos cidadãos e cidadãs na busca de soluções e alternativas que permitam a convivência digna voltada para o bem comum”.

Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (2014 [1987], p. 52) diz que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. O que faz do seu pensamento uma aproximação com a educação ambiental é o reconhecimento do ser humano de que ele está sempre se transformando e encontrando novas soluções para um viver melhor. Na comunidade que rodeia a EMEF Adão Benezath, percebemos, durante o estudo, que suas práticas cotidianas muito conversam com o pensamento de freiriano.

Nesta seção, falaremos do bairro Goiabeiras Velha e do bairro Antônio Honório, que juntos a outros bairros fazem parte da Grande Goiabeiras. Para tanto, contarei essa história por meio de narrativas trazidas pelos moradores do bairro Goiabeiras Velha. A fim de compreender as narrativas, torna-se necessário também falar do mangue que o a região, pois ele é o maior manguezal urbano do Brasil, com seus aproximados 11km², e banha toda a costa do bairro (Mangue Escola – PET Conexões Cultura em parceria com o grupo SOS Manguezal, vídeo disponível na plataforma *YouTube*⁹).

Como se dá a relação entre a escola, a comunidade e o manguezal da Grande Goiabeiras? De que modo os manguezais se constituem como espaços de aprendizagens? Essas questões são inspirações, nas quais podemos abordar e problematizar a educação ambiental nos cotidianos escolares com novas ecologias e práticas pedagógicas antirracistas.

Como o bairro Goiabeiras Velha é coberto pelo manguezal e pelas expressões culturais ali reunidas, citaremos algumas: 1) as Paneleiras de Goiabeiras¹⁰, que abordaremos em um capítulo específico; 2) a banda de congo *Panela de Barro* – o congo é uma prática de resistência da cultura capixaba. A relação do congo como herança da memória africana chegou aos tempos atuais graças ao esforço dos antepassados em conseguir, mesmo sob o domínio e o medo impostos pelos colonizadores, preservar a sua dignidade cultural. Segundo Marciel (2016); as bandas de congo são grupos de pessoas que utilizam instrumentos sonoros muito simples, feitos de madeira oca, barris, taquaras, pele de cabra ou de boi, latas ou outros materiais, além de tambores, bumbos, cuícas, chocalhos, ferrinhos ou triângulos de ferro e pandeiros. Outras expressões culturais não menos importantes que compõem esse acervo são: a Folia de Reis, a escola de samba *Chegou quem Faltava* e as Benzedeadas de Goiabeiras.

Acreditando que a história não se faz apenas de escritos colonialistas, damos evidência às narrativas dos moradores como histórias vivas que estão no *Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil*. Como exemplo, cito a rua Leopoldo Gomes de Salles e as expressões culturais e os ofícios tradicionais em Goiabeiras, Velha Vitória, Espírito Santo.

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2N6dtFn8Euw>. Acesso em: 2023.

¹⁰ Mais informações disponíveis em: [Ofício das paneleiras de Goiabeiras: diagnóstico sociocultural \(iphhan.gov.br\)](https://www.iphhan.gov.br/). Acesso em: 22 out. 2024.

Também falaremos da história social da comunidade por meio das narrativas apresentadas no documento da *Nova Cartografia Social*¹¹. Jamilda, enquanto moradora da região, presenteia-nos com um pequeno histórico da diversidade cultural existente no bairro desde o seu surgimento:

Goiabeiras Velha, localizada na porção norte da capital do Espírito Santo, é território de rica diversidade cultural. Nela desfilam diversas tradições culturais, tais como: banda de congos, brincadeira do Boi Estrela, folia de reis, bloco carnavalesco Prazer das Morenas, festa de São Benedito, novena de São Sebastião, Paneleiras, benzedeiras, fazedores de redes de pescar, cantadeiras de roda, brincadeiras de rua. Dada a riqueza dessas expressões da cultura popular, acreditamos que esta cartografia social possa ser concebida e utilizada como um instrumento político para reivindicarmos a implementação de políticas públicas que efetivamente concorram para a melhoria da qualidade de vida dos mestres e mestras da cultura popular, bem como dos demais moradores desta comunidade (narrativa de Jamilda Alves Rodrigues Bento, 46 anos, presidente da Associação de Cultura e Lazer Banda de Congo Panela de Barro de Goiabeiras).

De acordo com Alves (2010, p. 195-196),

essas narrativas representam, assim, um contato material, em um determinado espaço-tempo – que são também, dimensões materiais do mundo vivido como todo ato humano. As narrativas – as próprias fotografias, ou o que sobre elas é contado – só ganha sentido porque são feitas em relação de praticantes, em situações culturais que têm sentido para todos os envolvidos.

¹¹ Disponível em: http://novacartografiasocial.com.br/fasciculos/povos-e-comunidades-tradicionais-do-brasil/?cp_povos-e-comunidades-tradicionais-do-brasil=2. Acesso em: 2023.

Imagem 12: Oficina de mapas (Jamilda, Ergidea e Sandra)



Fonte: imagem disponibilizada por Lucieni de Menezes Simão.

Goiabeiras antigamente não tinha estrada, era caminho. Eu praticamente queimava panela na rua. Para tirar o barro, nós ia tirar o barro a pé. O barro vinha de canoa e trazia a pé. Agora, a gente compra e é levado pra nós (narrativa de Melchiadia Alves Corrêa da Vitória Rodrigues, 81 anos, paneleira, cantadeira do congo, de roda, do Boi Estrela e da Folia de Reis).

A rua nossa, que hoje é a José Alves, nós saía pra tirar barro a pé. Chegava lá, tirava, e quem trazia o barro era nós mesmo de canoa, remando. Fazia as panelas e vendia. Os compradores daqui era de Carapina. As ruas não era rua, mas caminhos. A estrada Adalberto Simão Nader era de barro. A igreja, aonde a gente foi batizado, era na Fernando Ferrari. O posto de saúde era onde é a delegacia (narrativa de Ilza dos Santos Barboza, 72 anos, paneleira, cantadeira do congo, de roda, do Boi Estrela e da Folia de Reis).

Imagem 13: Izabel fazendo panela sentada



Fonte: imagem disponibilizada por Lucieni de Menezes Simão.

Meu pai tinha uma roça, dava amendoim, dava cana. Outra coisa: a gente vendia siri, sururu, aqui na Avenida Fernando Ferrari. Assim, a gente ganhava o pão de cada dia. Tinha dois pés de girica. Hoje, não se pode fazer nada [na Avenida], tá cheio de carro. Tinha uma torneira onde a gente pegava água. Hoje, tá tudo imprensado. As empresas, a UFES fazem aterramento. O mangue está seco, tá difícil a canoa passar. Não tem como a gente sobreviver. O ar que estamos respirando não está dando (narrativa de Joazes Alvarenga Siqueira, 47 anos, vice-presidente da Associação de Marisqueiros e Pescadores de Goiabeiras Velha).

Goiabeiras perdeu muito mesmo! Principalmente aquela área ali onde está localizada as Paneleiras. O porto era uma praia. Na maré de março, a água vinha até na estrada. Nós perdemos muito. No portão da Laje Premo, ali era o mangue. O caranguejo começava ali; era mangue puro. A Laje Premo aterrou muita coisa. Bom, mas o que eu lembro bem da igreja era o lugar de bater o congo. Eles, os mais velhos, o pai da Teresa, meu tio Romeu, Astrogildo do Nascimento, o seu Padre. A gente chamava seu João Ribeiro de seu João bonitinho, assim a gente chamava ele. E ali era o tio Chico que tomava conta da banda de congo. Em frente da igreja, tinha os coqueiros e toda a noite a gente se reunia ali. Tio Romeu era mestre de congo. Eu, ainda um garotinho, ia pra lá (narrativa de Valdemiro Sales, 61 anos, mestre do congo, do Boi Estrela e da Folia de Reis).

Imagem 14: Paneleiras e integrantes da Banda de Congo Panela de Barro



Fonte: imagem disponibilizada por Lucieni de Menezes Simão.

As narrativas que se seguem nos mostram como os moradores enxergam o manguezal e como pensam a sua preservação para que possa se estabelecer uma convivência do homem com a natureza:

Qual o objetivo disso? O objetivo de estar apresentando o manguezal para a preservação da natureza? Muitos não sabem e a partir de hoje vão começar a saber. Talvez vão levar para a sala de aula, que são os nomes dos diversos lugares que existem no mangue. O mangue é formado por diversos braços. Tem vão central e vários braços de rios. Estão aqui seu Valdemiro e dona Elizete que vão me dizer, porque eu também tenho muito mais que aprender. Tem a entrada central e os braços. As pessoas de antigamente, elas davam o nome de esteiros. Tem o rio e é chamado de esteiro. Por que esteiro? Por que se deu o nome de esteiro do toco? Como surgiu o

esteiro do toco? E o esteiro dos ossos? (Ademar Inocência da Rosa, 42 anos, vice-presidente da Associação de Moradores de Goiabeiras Velha).

Imagem 15: Manguezal de Goiabeiras, em Vitória, no Espírito Santo



Fonte: acervo pessoal do autor.

A gente, quando se entende mulher, a vida da gente é só os filhos. Não importava, se tivesse só pros meus filhos o de comer, eu tava tranqüila. E foi nessa lida, durante muitos anos, tinha sol, tinha chuva, tava lá tocada no mangue. [...] Panela nunca fiz. Minhas cunhadas Bracela e Palmira fazia. Às vezes, quando eu não tava podendo ir pro mangue, eu lisava. Lisar, eu já lisei muita panela. De todo jeito, era um ganha pão, né? Pra fazer a alimentação de minhas crianças (Ilza Inocência da Rosa, 71 anos, marisqueira).

Às vezes, quando a gente tava no mangue, o IBAMA vinha encostando aquela lancha na gente, pra ver se era ostra, se era caranguejo, que a gente tava tirando. Às vezes, tinha até um amigo da gente que trazia caranguejo. A gente mentia que não e que só tava trabalhando com ostra, pra não prejudicar a outra pessoa, entendeu? Muitas vezes eu menti, Deus me perdoe! Hoje eu sou evangélica (narrativa de Ilza Inocência da Rosa, 71 anos, marisqueira).

A degradação do mangue também é por causa dos moradores. Foi muito aterro pra construir as casas. Mas o processo maior foi uma empresa que se instalou aqui e que já está desativada, e a própria UFES. Claro que os moradores tiveram um pouco de participação nesse processo de degradação (narrativa de Ademar Inocência da Rosa, 42 anos, vice-presidente da Associação de Moradores de Goiabeiras Velha).

Essas narrativas esboçam a compreensão dos povos ancestrais na formação política e social do bairro. Foram criadas associações de moradores para pressionarem o poder público a desenvolver políticas que protegessem o mangue e a comunidade. Trabalhos de conscientização realizados pelos próprios moradores foram feitos para que a comunidade cuidasse do seu ambiente de forma coletiva, sempre pensando no outro. Na busca por garantir a sobrevivência das famílias, elaboraram meios de preservar o manguezal e as suas práticas de pesca, assim como os afazeres cotidianos. Nesse contexto, as expressões culturais são mantidas e passadas de geração em geração, para que não se percam no tempo.

De acordo com as Leis nº 10.639/03 e 11.645/08, que alteram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), é obrigatório o ensino de História e da Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo escolar na Educação Básica – o mesmo está disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.096, de 13 de junho de 1990) e no Plano Nacional de Educação (Lei 10.172, de 9 de janeiro de 2001). A Lei 9.795/99 estabelece que a Educação Ambiental deve estar presente de forma articulada em todos os níveis e modalidades do processo educativo, como uma parte diversificada do currículo exigida pelas características regionais e locais, conforme preceitua o princípio citado no artigo 4º, inciso VII da Lei.

Sendo assim, acreditamos que a formação da identidade e o reconhecimento de si enquanto ser social são partes integrantes do contexto socioambiental e escolar, buscando mudanças de atitudes na escola, na família e na comunidade, envolvendo conhecimentos relacionados aos diversos contextos histórico-sociais, potencializando o protagonismo infantil, os componentes da vida comunitária, envolvendo a organização e a localização da escola e as atitudes em sala de aula. O ambiente em que vivem pode trazer mudanças nos hábitos sociais e políticos.

Com o crescimento desordenado, outros bairros foram sendo criados. Na próxima seção, buscamos as narrativas acerca do bairro Antônio Honório, local onde a EMEF Adão Benezath está situada.

2.2 NARRATIVAS ACERCA DO BAIRRO ANTÔNIO HONÓRIO

Na perspectiva de conversar o processo de preservação ambiental e outras ecologias existente na comunidade dos arredores da EMEF Adão Benezath, na região de Goiabeiras, contaremos aqui um pouco da história do bairro Antônio Honório.

Buscamos no *ESBRASIL* (16 de novembro de 2015)¹², “o endereço da história, memórias e atualidades de Goiabeiras”. Encontramos o seguinte: até meados do século XX, toda a região de Goiabeiras, com seus 7,7 milhões de metros quadrados, pertencia a alguns poucos

¹² Informação disponível em: <https://esbrasil.com.br/memoria-e-atualidade-de-goiabeiras-2/>. Acesso em: 22 out. 2024.

fazendeiros, produtores de gado de corte e de leite. O direito de cobrar impostos era disputado pelos municípios de Vitória e da Serra. O pior é que, enquanto não se resolvia a questão, nenhum dos dois municípios realizava benfeitorias naquelas terras. Esse conflito de jurisdição durou até 1942, quando a área foi incorporada definitivamente ao município de Vitória.

Até o ano de 1972, tínhamos nessa área uma grande fazenda de gado, cabritos e cavalos. A partir daí essa área foi transformada em um conjunto habitacional para os funcionários públicos, tornando-se assim o bairro Antônio Honório, que fica na região da Grande Goiabeiras. Atualmente, o bairro conta com 1.347 habitantes, de acordo com o censo de 2010¹³.

Imagem 16: Casa do conjunto habitacional



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2024.

Para obter as informações da origem do bairro que dessem subsídio à pesquisa, visitei a biblioteca do Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN), onde encontrei uma edição do jornal *A Gazeta* datada de 19 de junho de 2006¹⁴, que traz uma reportagem sobre a história do bairro e a escola.

¹³ Informação disponível em: https://populacao.net.br/populacao-antonio-honorio_vitoria_es.html. Acesso em: 22 out. 2024.

¹⁴ Disponível em: http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20170420_aj19004_bairro_antoniohonorio_vitria.pdf. Acesso em: 22 out. 2022.

Imagem 17: Foto aérea do bairro goiabeiras



Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves.

Imagem 18: Antiga rua do valão (atual Avenida Fernando Duarte Rabelo)



Fonte: acervo pessoal de morador.

Imagem 19: Foto atual da Avenida Fernando Duarte Rabelo



Fonte: acervo pessoal do autor.

Quando os moradores que eram servidores públicos chegaram ao bairro, receberam uma casa do conjunto habitacional financiada pela Companhia de Habitação e Urbanização do Espírito Santo COHA a partir daí passaram a interagir com o bairro e a cobrar políticas públicas que lhes dessem condições de permanência, pois a região ainda tinha características que a identificavam como sendo sem nenhuma estrutura de saneamento – as ruas eram de barro e não havia escola no entorno, por exemplo. Após algum tempo, a comunidade conseguiu que o poder público passasse a olhar para o bairro que vinha crescendo desordenadamente. Surge então a construção da escola *Grupo Escolar Goiabeiras*, que posteriormente passa a se chamar Escola Adão Benezath, em 1971.

Após muitas lutas, hoje o bairro já conta com infraestrutura e muitos moradores reformaram as suas casas.

Imagem 20: Casa reformada



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2024.

Durante a trajetória de 18 anos de trabalho na rede municipal de ensino de Vitória, pude conhecer um pouco da história do bairro Goiabeiras, onde estou alinhavando minhas relações profissionais com a comunidade. Assim, quero trazer aqui um pouco dessa história por meio das narrativas dos moradores e das moradoras do bairro, que são *praticantespensantes* desses cotidianos. Dialogando sobre a própria história de vida, as narrativas demonstram resistências

e outras ecologias cotidianas de resistência dessa comunidade presentes também nos cotidianos escolares da EMEF Adão Benezath. Nesses diálogos amorosos (Freire, 2021), percebi que não existe apenas uma história, mas sim diferentes narrativas tecidas a partir das leituras de mundo, das formas de sentir e de pensar as relações com os cotidianos.

No próximo capítulo, traremos as bases teóricas/metodológicas da pesquisa que nos embasam e nos permitem perceber a influência dos saberes vividos presentes nos cotidianos escolares.

3 BASES TEÓRICAS/METODOLÓGICAS

Para entender as atividades comunitárias que envolvem as expressões culturais e os manguezais da região de Goiabeiras a metodologia de pesquisa utilizada tem como bases os estudos e às práticas pedagógicas nos cotidianos escolares. São eles: os relatórios de Iniciação Científica vinculados ao Grupo de Pesquisa (CNPq) *Território de aprendizagens autopoieticas*, na Linha de Pesquisa *Ensino de Geografia e Educação Ambiental*, tendo como base o Projeto de Pesquisa *Narradores da Maré: Geografias dos manguezais capixabas e formação de professores/as*.

- a) *Perpetuação dos saberes populares tradicionais dos catadores de caranguejo e das Paneleiras do bairro Goiabeiras Velha através de vídeo documentário experimental*. (Gabriel Silva Nogueira)¹⁵;
- b) *Perspectivas ecologistas nas narrativas contadas pelas Paneleiras de Goiabeiras e suas contribuições com a formação de educadores/as* (Lucas de Souza Leite)¹⁶.

Assim como os relatórios de Iniciação Científica, as dissertações defendidas pelos membros do Grupo de Pesquisa *Territórios de Aprendizagens Autopoieticas* contribuíram para a análise dos dados obtidos por este estudo, aproximando esses dados com a educação ambiental antirracista e os cotidianos escolares. São elas:

- a) *Educação ambiental e o racismo ambiental no bairro José de Anchieta – Serra/ES e nos cotidianos escolares* (Gama, 2022);
- b) *Entre fios, nós e educações ambientais: narrativas ecologistas das mulheres de Cariacica/ES*. (Ribeiro, 2021);

¹⁵ Disponível em: [Descrição \(ufes.br\)](#). Acesso em: 21 out. 2024.

¹⁶ Disponível em: [Descrição \(ufes.br\)](#). Acesso em: 21 out. 2024.

- c) *Educações ambientais com os usos de drones e artefatos tecnoculturais na reserva de desenvolvimento sustentável dos manguezais de Cariacica e nos cotidianos escolares* (Faria, 2021)¹⁷;
- d) *Cartografias e narrativas das educações ambientais e ecologias insubmissas nos cotidianos das mulheres na bacia do Rio Formate, Viana (ES)* (Santos, 2020)

Como aporte teórico e metodológico desta pesquisa, fazemos uso das *imagensnarrativas* para expressar nos textos as ações, como nos ensina Nilda Alves (2010, p. 195-196): “como todo ato humano, as narrativas – as próprias fotografias, ou o que sobre elas é contado – só ganha sentido porque são feitas em relação de praticantes, em situações culturais que têm sentido para todos os envolvidos”.

As teses do Grupo de Pesquisa *Territórios de Aprendizagens Autopoiéticas* nos deram a condição de entender as relações dos cotidianos escolares com as vivências da comunidade e as práticas de resistência. São elas:

- a) *Educação ambiental autopoiética com as práticas do bairro Ilha das Caieiras entre os manguezais e as escolas* (Gonzalez, 2013).
- b) *Mulheres no congo do Espírito Santo: práticas de re-existência ecologista com os cotidianos escolares* (Ramos, 2018.),

Este aporte teórico e metodológico também conversa com as pesquisas dos cotidianos escolares (Alves, 2019), com os saberes dos povos originários (Krenak, 2019), com as pesquisas de narrativas (Reigota, 1999) e com a perspectiva do diálogo amoroso (Freire, 1987).

Para fundamentar a pesquisa, foram realizadas leituras sobre narrativas e conversações por meio das disciplinas do mestrado profissional, das orientações e dos encontros com o grupo de pesquisa *Territórios de Aprendizagens Autopoiéticas*. Baseamos o nosso entendimento nas concepções do professor e pesquisador Soler Gonzalez (2013) e no engajamento com o campo e os sujeitos da pesquisa, trazendo como território a região de Goiabeiras, com as suas especificidades das expressões culturais, do manguezal, das Paneleiras, do congado, do cozinhar e do

¹⁷ Pesquisa também disponível em formato de livro, sob autoria de Fledson Silva Faria e Soler Gonzale, publicado em 2022, pela editora Pedregulho, de Vitória, Espírito Santo.

pescar. Procuramos saber como essas atividades se desenvolvem, por meio das práticas pedagógicas, dentro da escola Adão Benezath.

Aqueles que vêm das margens contribuem politicamente, com suas existências e processos trans-formativos, com muito mais do que aquilo que a academia lhes reconhece. Eles e elas recriam os conhecimentos, se colocam neles, criam e modificam os sentidos do estudar, do compreender e mudar as práticas pedagógicas e políticas, nas escolas e na academia (Reigota, 2010, p. 6).

Para que possamos entender o porquê desta pesquisa, é necessário trazermos na vivência o que já foi estudado e produzido cientificamente, para daí nos aproximarmos do tema proposto. Realizei um levantamento prévio de estudos acadêmicos (mestrado e doutorado) no *site* do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, no *site* do Ministério da Educação, no Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no *site* do Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental (EPEA), pois as práticas escolares tendem a reproduzir o contexto momentâneo, em que as metodologias de ensino podem acompanhar o processo político, social e econômico, limitando o pensamento crítico do desenvolvimento humano a uma reprodução dos interesses sociais dominantes.

Buscamos questionar todo esse processo e assim produzir conhecimento na vivência ancestral da comunidade e nas práticas cotidianas das outras ecologias que tratam das relações humanas como princípio de liberdade, a fim de construir um espaço/tempo no qual o respeito à história vivida seja um grande acervo de conhecimento comunitário a ser explorado para a construção da preservação do meio ambiente nas relações sociais e políticas.

Os debates sobre educação ambiental e outras ecologias podem dar um novo significado ao valor da escola, tornando-a um espaço educador para sustentabilizar e contribuir com o crescimento da relação existente no processo educativo, respeitando o conhecimento vivido e acumulado no desenvolvimento das experiências de vida e de mundo. No Artigo *Educação Ambiental autopoiética em redes de conversações na vida cotidiana*, Gonzalez e Texeira trazem uma reflexão acerca do uso sustentável da educação ambiental (2014, p. 95):

EA [educação ambiental] dos eventos, gincanas, feiras, mostras culturais nas escolas, indicadores, campanhas, mutirões, reciclagens, maquetes de isopor, coleta seletiva etc., assim como as imagens do pensamento que atravessam nossa sociedade dos

clichês, “salve o planeta”, “atitude sustentável”, “consumo sustentável”, “mercado verde” ... nos ajudam a problematizar os discursos e práticas pedagógicas, tão familiares em espaços educativos, órgãos públicos, empresariais e comunitários. Esses discursos deslocam em nós,[sic] a noção de sustentabilidade como “substantivo”, para pensá-la como verbo, como domínios de ação, ou seja, sustentabilizar as relações de convivência com as coletividades vivas e não vivas, colocando sob rasura os discursos da sustentabilidade e do mercado verde.

Falar da escola que cuida, educa e encoraja o respeito à diversidade, à participação democrática de direitos, ao diálogo e, sobretudo, ao protagonismo é falar de experiências já estudadas e que trazem esse protagonismo no cotidiano escolar e da comunidade. Junto a suas culturas ambientais e saberes vividos, percebe-se que as experiências e práticas dos alunos tornam as ações mais acessíveis e que assim se consegue enxergar o meio ambiente na perspectiva do cuidar.

Na busca acerca de conteúdo para fomentar este estudo, encontrei no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo uma contribuição relevante na defesa da tese de doutorado intitulada *Educação ambiental autopoiética com as práticas do bairro Ilha das Caieiras entre os manguezais e as escolas* (Gonzalez, 2013). A referida pesquisa aponta para um processo de sustentabilidade realizado por meio dos conhecimentos e das necessidades da comunidade e das escolas, a fim de contribuir com o desafio da manutenção dos seus ambientes naturais, que é fonte de economia e de lazer.

Também tive contato com a tese de doutorado *Mulheres no congo do Espírito Santo: práticas de re-existência ecologista com os cotidianos escolares* (Ramos, 2018), que desvela com maestria as práticas de reexistência ecologista com os cotidianos escolares.

Já a partir da dissertação de mestrado *Educação Ambiental entre os Carnavais dos Amores com os Mascarados do Congo de Roda D’água* (Ramos, 2013), nos é revelada a história dos Mascarados do Congo de Roda D’água no município de Cariacica, por meio dos fluxos, encontros, narrativas, oficinas, brincadeiras, linhas e formas, entrando nas travessias e deixando-nos atravessar por elas.

A dissertação e a tese de Ramos (2013, 2018) culminaram no livro *Tambores de Congo nos Cotidianos Escolares*, no qual a autora tece com delicadeza os atravessamentos dos Mascarados de Roda D’água nos cotidianos do humano, numa leitura de encher os olhos e que nos instiga a estar presente nos próximos carnavais.

Pensando ainda na relação escolar, a Política Nacional de Educação Ambiental, que é

regida pela Lei nº 9795, de 27 de abril de 1999, leciona que os conteúdos englobam: conceito, objetivos, princípios, atuação e a sua relação com a educação. Assim, novas aprendizagens, provindas de outros espaços que não sejam apenas a sala de aula, são necessárias. Como diz o provérbio africano: *é preciso toda uma aldeia para educar uma criança*.

Discutir a educação ambiental e outras ecologias na escola pode se tornar uma ferramenta que irá favorecer a criação de ações que promovam mudanças socioambientais. A relação escola/comunidade estabelece um laço de pertencimento aos espaços ambientais existentes no seu entorno, produzindo conhecimento resgatado das práticas cotidianas. Necessitamos vivenciar e conhecer o bairro em que estamos inseridos, os seus costumes, culturas e práticas no que se refere à proteção ao meio ambiente no qual vivemos. O conhecimento trazido pelas gerações de pescadores, de catadores de caranguejo, de Paneleiras faz-se necessário. Essas vivências auxiliam a discussão pedagógica no interior da escola.

A presente pesquisa pretende, por meio das práticas pedagógicas, das formações, das narrativas, das rodas de conversa, das vivências históricas, dos relatos de professores, de estudantes e da comunidade escolar, criar uma consciência crítica e transformadora de hábitos. Para tanto, alguns autores serão referência no processo de estudo.

Paulo Freire (2000), na sua obra *Pedagogia da Indignação*, traz a importância da ação educacional ser desenvolvida contemplando o processo democrático na perspectiva de transformação do mundo. Para isso, será necessário se formar uma consciência democrática nos alunos desde a infância, pautada em quatro conceitos: liberdade, autoridade, escolha e decisão, sempre com a compreensão e a percepção do outro, com testemunho dos adultos (professores, pais e comunidade), sempre na perspectiva de dar voz, de estimulando perguntas, criando os debates para a verdadeira formação da consciência democrática. Dessa forma, cuidaremos do outro, do ambiente local e global.

Mediante esses estudos e as experiências vividas no cotidiano da comunidade escolar, é que traremos no capítulo seguinte as práticas pedagógicas que conversam com as expressões culturais, os cotidianos da comunidade e o plano de ação da escola.

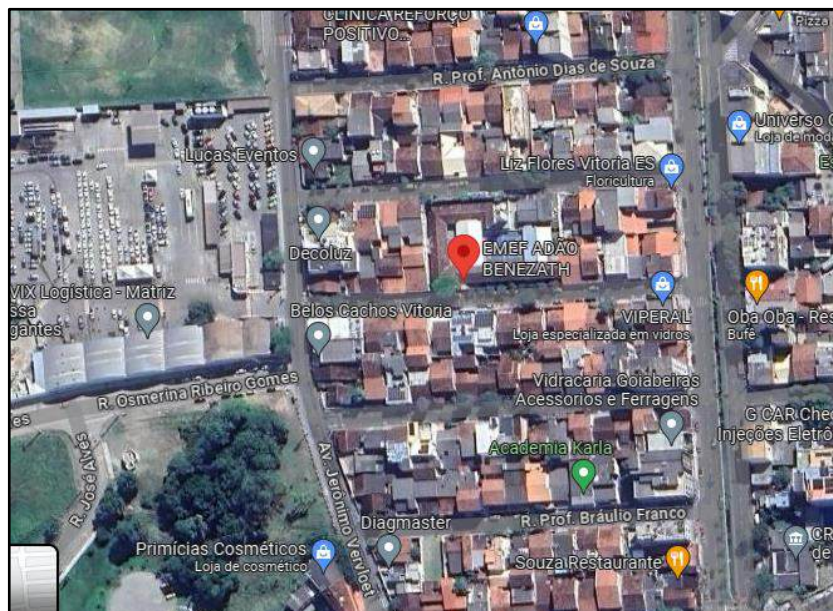
4 COTIDIANOS ESCOLARES, COMUNIDADE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EMEF ADÃO BENEZTH

Para compreensão desta pesquisa, que envolve a comunidade escolar da EMEF Adão Benezath, localizada no bairro Antônio Honório, no município de Vitória, no Espírito Santo, narraremos um pouco da sua origem.

A escola foi fundada pela rede estadual de ensino capixaba no ano de 1971, período em que existia uma antiga fazenda que foi doada para a construção de um grupo escolar denominado *Goiabeiras*.

O *Grupo Escolar de Goiabeiras* atendia alunos de 1ª a 4ª séries do 1º grau, tendo como primeira diretora a Sr.ª Zeliete Laurindo Fraga, pelo período de 1971 a 1979.

Imagem 21: Localização aérea da Escola Municipal de Ensino Fundamental Adão Benezath



Fonte: <https://www.google.com/maps/place>.

A partir de 10 de julho de 1972, de acordo com a Portaria nº 531-E, do Governo do Estado do Espírito Santo, a instituição passou a se chamar *Grupo Escolar Adão Benezath*, em homenagem a um jovem professor de Educação Física morto em bombardeio a navios brasileiros na Segunda Guerra Mundial. Nessa data, a escola estendeu a sua abrangência até a 6ª série do ensino fundamental.

Em 8 de fevereiro de 1975, pela Portaria nº 61-N, a instituição foi classificada como Escola de 1º grau Adão Benezath. Dez anos depois, em 2 de janeiro de 1985, o então governador Gerson Camata e o seu secretário de Educação e Cultura, Wilson Hease, inauguraram a referida unidade escolar conforme placa de bronze fixada na entrada do prédio administrativo.

Foi municipalizada em 2005 como Escola Municipal de Ensino Fundamental Adão Benezath, passando a ser órgão público mantido pela Prefeitura Municipal de Vitória, sob a administração da Secretaria Municipal de Educação e Conselho Municipal de Educação. Hoje, a escola oferta vagas para todos os anos do ensino fundamental, funcionando em dois turnos: matutino, com 10 turmas de 6º ao 9º ano (189 alunos), e vespertino, com 10 turmas de 1º ao 5º ano (211 alunos).

Atualmente, a EMEF Adão Benezath mantém a mesma estrutura física colonialista desde a sua fundação, tendo passado por pequenas reformas estruturais e de pintura. Teve a divisão de salas administrativas em 2006 e a construção de uma pequena quadra no centro da escola, rodeada pelas salas de aula, em 2008.

Nas proximidades da escola está o bairro Goiabeiras Velha, conhecido pelas expressões culturais ali reunidas, como as Paneleiras de Goiabeiras, a banda de congo *Panela de Barro*, o Boi Estrela e a Folia de Reis, conforme consta no mapa da *Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil*, cujo volume 13 é destinado às *Expressões culturais e ofícios tradicionais em Goiabeiras Velha, Vitória, Espírito Santo (2010)*¹⁸.

Trata-se de uma escola pequena, com média de 23 alunos por sala de aula. A maioria dos seus alunos são provenientes do bairro Antônio Honório e de bairros adjacentes, que formam uma grande comunidade circundada pelo manguezal. A escola, mesmo pequena, ainda possui dificuldades a serem vencidas. Por ser uma construção muito antiga, necessita de algumas reformas para que possamos melhorar o processo de ensino e de aprendizagem.

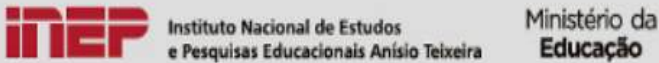
A construção histórica do bairro apresenta processos sociais e políticos que fazem parte da construção social colonizadora do nosso estado, em que a população menos favorecida é empurrada para as margens da sociedade, ficando fora do acesso às políticas públicas, que sempre são voltadas às classes privilegiadas, deixando assim uma lacuna no atendimento a essas comunidades e conseqüentemente criando o racismo ambiental.

¹⁸ Disponível em: http://novacartografiasocial.com.br/fasciculos/povos-e-comunidades-tradicionais-do-brasil/?cp_povos-e-comunidades-tradicionais-do-brasil=2. Acesso em: 2023.

Traremos a seguir uma tabela do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) que nos mostra a dificuldade apresentada na comunidade escolar de manter uma constante crescente no processo de ensino e de aprendizagem. O processo avaliativo de larga escala, o qual não considera os saberes dos educandos e de seus ancestrais, com suas vivências, condições sociais e políticas historicamente produzidas, contribui diretamente para o processo variável de ensino e de aprendizagem.

Tabela 1: Resultado do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)

Desempenho da sua Escola nas Edições da Prova Brasil	5º Ano		9º Ano		3ª Série	
	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
2011	205.52	213.42	246.48	259.36		
2013	198.41	217.10	279.69	282.40		
2015	224.45	233.78	243.31	254.04		
2017	199.61	221.17	243.44	251.44		



Fonte: INEP (2019)

Assim, buscamos alavancar o processo de aprendizagem por meio de projetos que envolvem diretamente a comunidade na construção dos conhecimentos, a partir de uma perspectiva freiriana de educação, dialogando com os saberes dos educandos e com as suas leituras de mundo e de espaço, com práticas pedagógicas dialógicas e que se afastam das concepções bancárias de educação, “[...] em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam” (Freire, 2014, p. 80-81).

Desse modo, Paulo Freire (1996, p. 81) nos alerta e nos convida a assumirmos uma atitude ética e política em nossa prática docente:

Como educador preciso ir “lendo” cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem do seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de

experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo.

A vivência dos educandos, dos educadores e da comunidade é fundamental na construção de saberes reais que mudam a forma de ver o outro e o mundo. Com práticas pedagógicas antirracistas e decoloniais, atingimos novas formas de pensar e de ver o mundo na escola. Mediante as atividades e os conhecimentos ancestrais praticados na comunidade e na escola, podemos constatar que esses aprendizados também são conhecimentos científicos. Eles nos fizeram alcançar novos horizontes, inclusive a melhoria do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), que indica o quanto avançamos no processo de ensino e de aprendizagem.

Tabela 2: Resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Adão Benezath em 2023 (Anos iniciais)

EMEF Adão Benezath			
Anos iniciais			
	Matemática	Língua Portuguesa	Média padronizada
2011	213,42	205,52	5,77
2013	217,1	198,41	5,71
2015	233,78	224,45	6,51
2017	221,17	199,51	5,81
2019	ND*	ND*	-
2021	ND*	ND*	-
2023	250,44	237,05	7

Fonte: INEP 2024 * Não dimensionada a nota neste ano.

Tabela 3: Resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Adão Benezath em 2023 (Anos finais)

EMEF Adão Benezath			
Anos finais			
	Matemática	Língua Portuguesa	Média padronizada
2011	259,36	246,48	5,1
2013	282,4	279,69	6,03
2015	254,04	243,31	4,96
2017	251,44	243,44	4,91
2019	ND*	ND*	-
2021	ND*	ND*	-
2023	260,08	265,9	5,43

Fonte: INEP 2024 * Não dimensionada a nota neste ano.

Para que esses resultados pudessem acontecer, não fizemos mágica. Realizamos práticas pedagógicas dialógicas nas quais os estudantes, os professores e a comunidade pudessem erguer

as suas vozes, pois são eles que constroem o conhecimento. Na próxima seção, narraremos as atividades produzidas e que alavancaram os nossos conhecimentos, com práticas e projetos antirracistas e decoloniais, considerando os saberes ancestrais da comunidade.

4.1 COTIDIANOS ESCOLARES, COMUNIDADE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EMEF ADÃO BENEZTH NO ANO DE 2022

Atualmente, na EMEF Adão Benezath, possuímos um número significativo de alunos que são nascidos na comunidade. Percebemos então a necessidade de aproximarmos as ações, os conhecimentos e as experiências de vida e da cultura, como forma de desenvolver práticas no cotidiano escolar.

Esta pesquisa discute as práticas pedagógicas de preservação ambiental, modificando o sentido e qualificando as ações, abrindo possibilidades de outras interpretações acerca das relações ambientais no contexto social e político, pensando os desafios e as possibilidades para que todos possam vivenciar a magia da fala, da escuta, do respeito e das experiências.

Nesse contexto, buscamos temáticas que nos trouxeram grandes vivências e experiências. Relatarei aqui algumas atividades desenvolvidas nos cotidianos escolares da escola EMEF Adão Benezath no ano 2022. Iniciamos o período com a idealização do projeto *Ubuntu: Eu sou porque nós somos*. O projeto vem na perspectiva de trabalhar as relações étnico-raciais, a origem dos povos, o conhecimento das raças, das culturas e das colonizações, proporcionando aos estudantes e à comunidade escolar várias vivências e representações históricas.

Imagem 22: Crianças Xhosa mostram o que é Ubuntu: *Eu sou porque nós somos*



Fonte: inexistente.

Ubuntu é uma antiga palavra africana que na cultura Zulu e Xhosa significa *sou quem sou porque somos todos nós*. É uma filosofia que consiste em acreditar que cooperando se consegue a harmonia, já que se consegue a felicidade de todos.

A filosofia Ubuntu¹⁹ se baseia nos princípios de lealdade, de humildade, de empatia e de respeito. A lenda africana sobre o Ubuntu aborda a cooperação e como por meio dela podemos chegar à igualdade, à harmonia e, conseqüentemente, à felicidade.

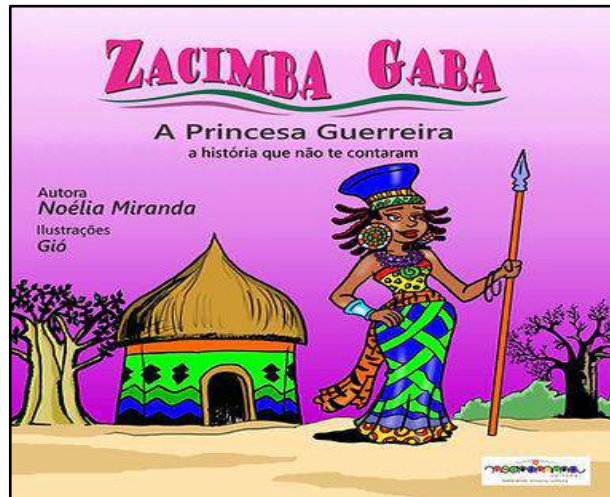
No decorrer do projeto, fizemos várias atividades relacionadas ao tema, as quais serão relatadas a seguir. No início do ano de 2022, mais precisamente no dia 8 de março, iniciamos contando a história do livro *Zacimba Gaba: Princesa Guerreira – a história que não te contaram*, da escritora capixaba Noélia Miranda.

O livro narra a história contada pelos quilombolas da região de Sapê do Norte. É uma literatura adaptada ao público infanto-juvenil, voltada para o encantamento e o conhecimento das resistências negras do Espírito Santo.

A história é sobre a liderança de mulher negra e princesa africana (de Cabinda, Angola) que foi escravizada e não se dobrou à escravidão. Buscando a sua liberdade, ela foi à luta para salvar muitos negros e negras escravizados. O enredo ressalta a resistência e a força da Zacimba Gaba, que se apresenta como uma excelente estrategista e guerreira.

¹⁹ Mais informações disponíveis no site: <https://ensinarhistoria.com.br/ubuntu-o-que-a-africa-tem-a-nos-ensinar/>. Acesso em: 23 out. 2024.

Imagem 23: Livro *Zacimba Gaba: Princesa Guerreira – a história que não te contaram*, da autora capixaba Noélia Miranda



Fonte: Editora Nsoromma.

Os quilombolas são grupos silenciados na educação e na cultura do povo brasileiro, silenciamento que é resultado das estruturas dominadoras eurocêntricas, que não reconhecem os feitos e as conquistas da população negra, desprezando ou tratando a sua cultura sem a importância que esse povo merece.

A história foi contada para as turmas de 1º ao 5º ano do ensino fundamental do turno vespertino, com a presença da autora do livro, que em vários momentos esteve presente na escola.

Imagem 24: Comemoração dos 50 anos da escola

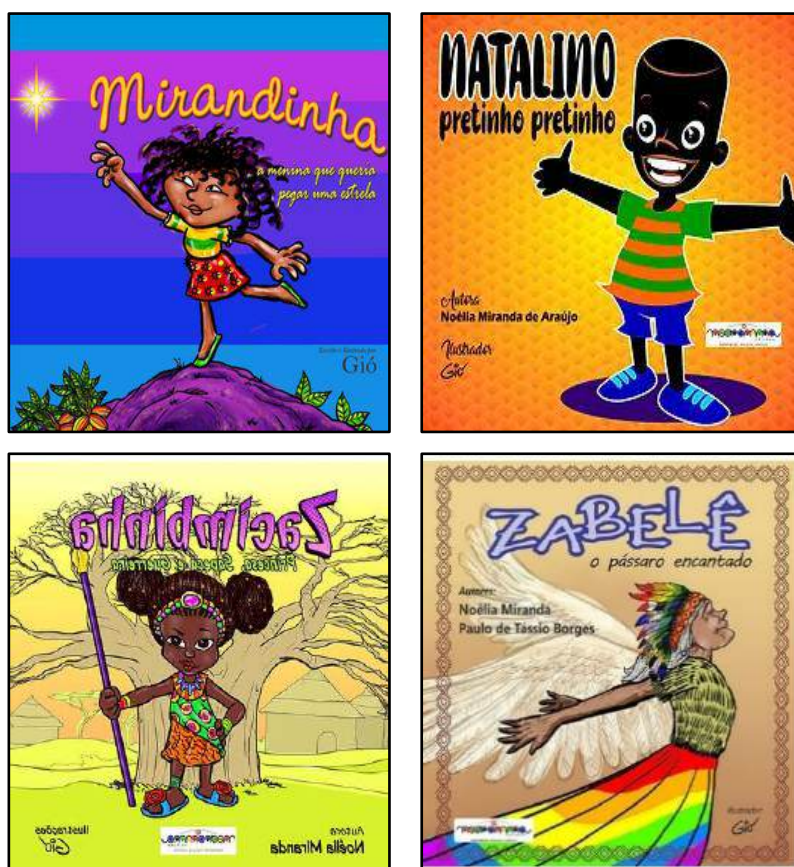


Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2022.

Em meados de abril de 2022, no dia 14, fizemos uma grande reforma na biblioteca da escola. Com a comunidade escolar, demos o nome de Noélia Miranda ao novo espaço, escritora capixaba negra, autora de vários livros infantis e defensora de temas antirracistas, que traz sempre para as suas histórias os povos originários e negros.

Nesse mesmo dia, fizemos também uma manhã de autógrafos dos livros escritos por ela, são eles:

Imagem 25: Livros da autora capixaba Noélia Miranda



Fonte: Editora Nsoromma.

Esse dia tornou-se muito especial, pois pela primeira vez na história da escola a comunidade escolar escolheu o nome a ser dado à nossa biblioteca, por meio de votação. Tivemos o privilégio de organizar esse momento democrático junto à comunidade escolar e a escolha não poderia ter sido mais justa, pois representa diretamente os nossos povos, uma mulher, preta, empoderada de conhecimento e escritora capixaba.

Imagem 26: Inauguração da biblioteca Noélia Miranda



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2022.

Imagem 27: Pannel da biblioteca Noélia Miranda



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2022.

Imagem 28: Porta da Biblioteca Noélia Miranda



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2022.

Imagem 29: Grupo de alunos e de professores Escola Municipal de Ensino Fundamental Adão Benezath



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2022.

Imagem 30: Dia de autógrafos



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2022.

No correr dos dias, em 25 de março 2022, fizemos uma roda de conversa com a escritora Geisa Lacerda. Um encontro precioso e que culminou na oficina de confecção da boneca abayomi. Muito se fala que as bonecas abayomi eram feitas por mães africanas em navios negreiros, como forma de gerar segurança e de transmitir afeto para os filhos que as acompanhavam durante a viagem. Frequentemente é associada como símbolo de resistência da cultura negra em diáspora. A narrativa que sustenta as abayomis, apesar de fortemente presente no ideário popular, é uma história romantizada e que deve ser repensada e colocada em debate. Não existe registro histórico que associe a origem das bonecas ao período colonial. Essa versão recente da abayomi foi criada pela brasileira Waldilena “Lena” Serra Martins, artesã maranhense nascida em 1950.

Rever a história das bonecas abayomis é uma maneira de combater a dominação do colonialismo acondicionada em discursos únicos.

Imagem 31: Encontro com a escritora Geisa Lacerda



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2022.

Imagem 32: Confecção da boneca Abayomi (1)



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2022.

Imagem 33: Confeção da boneca Abayomi (2)



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2022.

Na balada, em 25 de maio de 2022, tivemos uma outra roda de conversa, dessa vez com dois africanos de Cabo Verde, o Marito e o Denilson. Eles apresentaram para os alunos os seus costumes, culinária, cultura, música e algumas brincadeiras de criança. Foi nesse momento que muitas crianças se identificaram e relataram que seus pais ou avós as ensinaram a brincar da mesma brincadeira. Começa então a grande sacada: somos um tanto parecidos.

Imagem 34: Presença de dois africanos de Cabo Verde na escola



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2022.

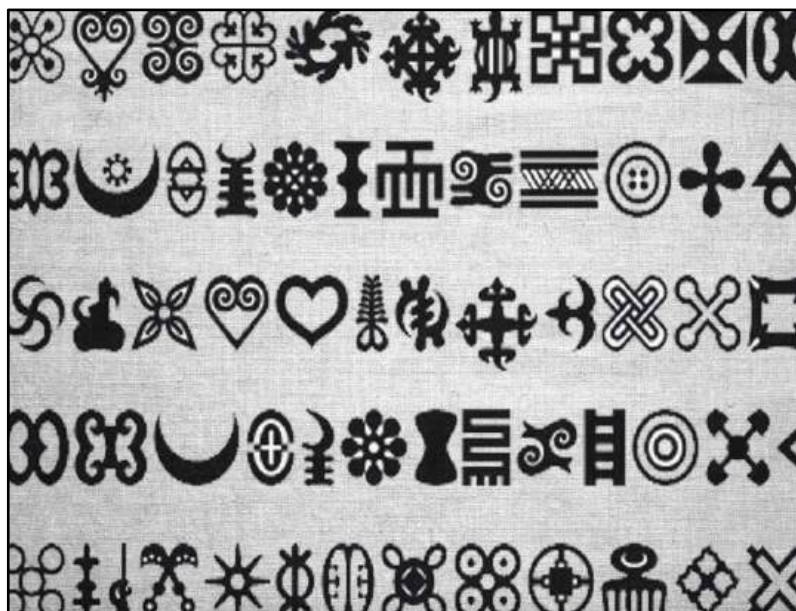
Imagem 35: Alunos com as bandeiras de Cabo Verde



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2022.

Assim, a curiosidade nos fez avançar um pouco mais e fomos pesquisar, por meio dos recursos tecnológicos, os símbolos Adinkra. Os alunos e as alunas ficaram encantados. Adinkra é um conjunto de ideogramas que expressar o comportamento de quem usa e que tem como objetivo valorizar e preservar o legado e as tradições africanas.

Imagem 36: Símbolos Adinkra



Fonte: foto cedida por Valeska Mathias, registro do ano de 2022.

Adinkra^{20,21,22,23} é o nome dado a um conjunto de símbolos ideográficos pertencentes aos povos akan, um grupo linguístico originário da África Ocidental. Ademais, os povos akan povoam a região que abrange parte de Gana e da Cidade do Marfim. Em suma, cada um dos ideogramas Adinkra possui um significado, cujo objetivo é preservar e valorizar o legado e as tradições africanas.

Nesse momento, os alunos tiveram acesso a *sites* de pesquisa para buscarem os símbolos, desenharem e transcreverem os seus significados e valores.

Imagem 37: Oficina de desenho dos símbolos Andinkra (1)



Fonte: foto cedida por Valeska Mathias, registro do ano de 2022.

Imagem 38: Oficina de desenho dos símbolos Andinkra (2)



Fonte: foto cedida por Valeska Mathias, registro do ano de 2022.

²⁰ Mais informações disponíveis em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/tecnologia-ancestral-africana-simbolos-adinkra/>. Acesso em: 23. out. 2024.

²¹ Mais informações disponíveis em: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADmbolos_Adinkra. Acesso em: 23 out. 2024.

²² Mais informações disponíveis em: <https://ipeafro.org.br/acoes/pesquisa/adinkra/>. Acesso em: 23 out. 2024.

²³ Mais informações disponíveis em: <https://br.pinterest.com/calau08/adinkras/>. Acesso em: 23 out. 2024.

Imagem 39: Oficina de desenho dos símbolos Andinkra (3)



Fonte: foto cedida por Valeska Mathias, registro do ano de 2022.

Em junho de 2022, fomos convidados a participar de um café literário no Mucane (Museu Capixaba do Negro), com a apresentação do projeto *Somos de Todas as Cores Respeitando as Diferenças*.

Já em julho do mesmo ano, tivemos o prazer de receber na escola o professor Elbert Agostinho, que é fundador do observatório carioca de revista em quadrinhos, com a mostra sobre os heróis negros dos quadrinhos, momento de muita riqueza no qual o professor apresentou uma outra realidade aos alunos, que tiveram a oportunidade de ler uma história em que o super-herói é negro. Nesse momento, o elbert explicou e mostrou para os alunos que é possível eles escreverem histórias, sejam elas criadas na imaginação ou até mesmo vividas por no dia a dia do bairro.

Imagem 40: Professor Elbert Agostinho, autor de quadrinhos de super-heróis negros (1)



Fonte: foto cedida por Valeska Mathias, registro do ano de 2022.

Imagem 41: Professor Elbert Agostinho, autor de quadrinhos de super-heróis negros (2)



Fonte: foto cedida por Valeska Mathias, registro do ano de 2022.

Seguindo as atividades propostas no projeto institucional da EMEF Adão Benezath, no dia 27 de julho comemoramos o dia mundial da mulher negra e caribenha e o dia nacional de Tereza de Benguela, negra que se tornou rainha e líder quilombola, dando visibilidade à mulher negra no Brasil. A professora Valeska Maria Matias realizou na escola uma contação de história sobre a trajetória histórica da Tereza de Benguela, como sendo uma grande influenciadora do processo de reconhecimento do povo quilombola e da luta dos negros no Brasil. Hoje, muito se tem de reconhecimento da luta do povo negro e quilombola por conta das conquistas atribuídas a ela.

Imagem 42: Comemoração do dia mundial da mulher negra e caribenha (1)



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2022.

Imagem 43: Comemoração do dia mundial da mulher negra e caribenha (2)



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2022.

No dia 29 de julho de 2022, fizemos uma grande caminhada em defesa do manguezal de Goiabeiras, um dos maiores mangues urbanos do mundo. Nessa ação, os alunos reconheceram o seu ambiente comunitário, onde vivem o dia a dia. Eles identificaram o galpão das Paneleiras de barro e os barcos dos pescadores.

Imagem 44: Caminhada em defesa do manguezal de goiabeiras



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2022.

Imagem 45: Visita ao galpão das Panelleiras



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2022.

No dia destinado às expressões culturais, a escola fez apresentação com a banda de congo *Panela de Barro*, criada na comunidade. Os alunos identificaram o ritmo e também os parentes que tocam e dançam. Continuando o trabalho, fizemos oficinas para a confecção de um dos instrumentos usados pela banda, a casaca, e de máscaras do carnaval de congo. As crianças também puderam participar da construção do navio negreiro que naufragou na costa capixaba e que leva o nome de *palermo*, por ter sido o nome da última cidade onde viveu São Benedito, pois é ele o padroeiro que protegeu os escravos que sobreviveram ao naufrágio²⁴.

Imagem 46: Casacas construídas pelos alunos



Fonte: foto cedida por Valeska Mathias, registro do ano de 2022.

²⁴ Mais informações em: <http://www.abcerra.org.br/main.asp?link=noticia&id=4>. Acesso em: 23 out. 2024.

Imagem 47: Máscaras de congo confeccionada pelos alunos



Fonte: foto cedida por Valeska Mathias, registro do ano de 2022.

Por fim, chegamos em dezembro. Fizemos então uma dinâmica com as famílias sobre os povos originários, com a culminância do nosso projeto institucional: *Ubuntu: Eu sou porque nós somos*.

A trajetória percorrida no decorrer desse ano nos trouxe muito do conhecimento que vem para a escola por meio dos nossos alunos. Logo, usar esses conhecimentos na construção dos objetivos de aprendizagem se faz necessário. O estudar e o agir são sinônimos de não desistir, a partir da observação e da experimentação. A seguir, daremos continuidade às problematizações a partir das ações pedagógicas do ano de 2023.

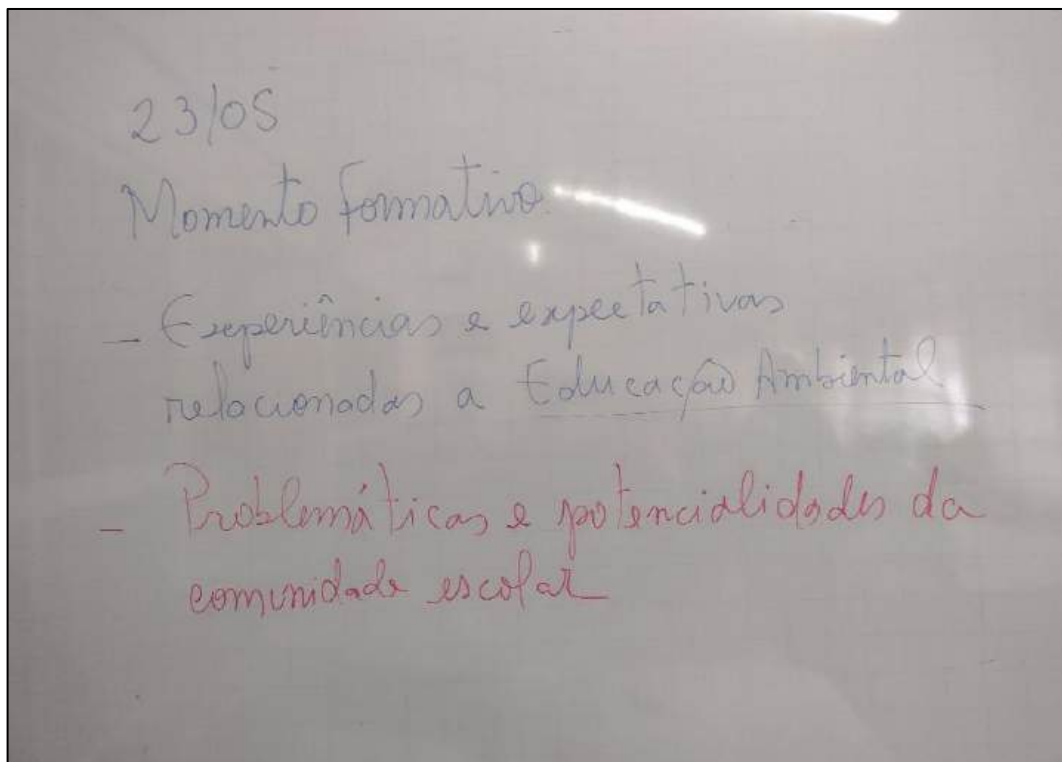
4.2 COTIDIANOS ESCOLARES, COMUNIDADE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EMEF ADÃO BENEZTH NO ANO DE 2023

No planejamento coletivo inicial do ano de 2023, que aconteceu na sala de arte da EMEF Adão Benezath nos dias 1, 2 e 3 de fevereiro, elaboramos o Plano de Ação da instituição. Foram elencados três temas: povos originários, meio ambiente e suas ecologias e círculo de construção de paz, que se interligam no processo histórico. Juntos, eles contam o processo histórico da comunidade escolar na sua origem e transformação dos tempos, respeitando o conhecimento adquirido com a vivência de mundo.

Esses temas foram escolhidos para que possamos compor, junto à comunidade escolar, a descoberta do que fomos, somos e pretendemos ser, o conhecimento das dificuldades existentes e como podemos construir ações que estabeleçam relações humanas. Esperamos que essas práticas possam oportunizar o protagonismo no processo de consolidação do conhecimento, na arte do cantar e do tocar tambor com o projeto *Instrumentarte*, no qual os estudantes vivenciam práticas de re-existência ecologista com os cotidianos escolares, no pescar, no cozinhar e no fazer de panelas de barro, mantendo os conhecimentos das Paneleiras na arte e na dedicação da mulher no protagonismo da construção desse objeto.

Nessa mesma ocasião, fizemos um momento formativo com o Prof. Dr. Soler Gonzalez, do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, cuja proposta consistia em criar um espaço coletivo e dialógico para que os docentes pudessem compartilhar as suas experiências com a educação ambiental e/ou com práticas pedagógicas relacionadas às problemáticas e às potencialidades ecológicas e culturais locais.

Imagem 48: Momento formativo (1)



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2023.

Imagem 49: Momento formativo (2)

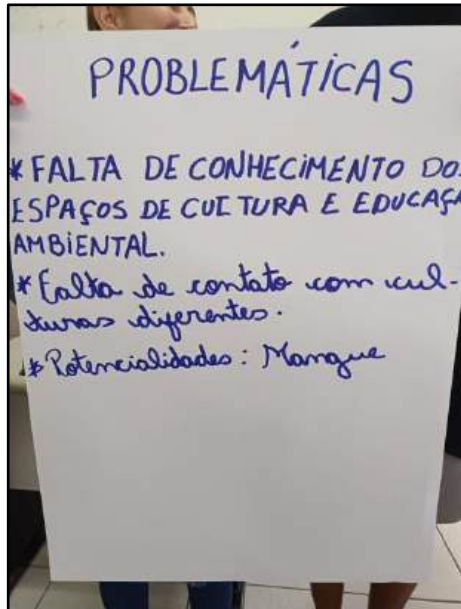


Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2023.

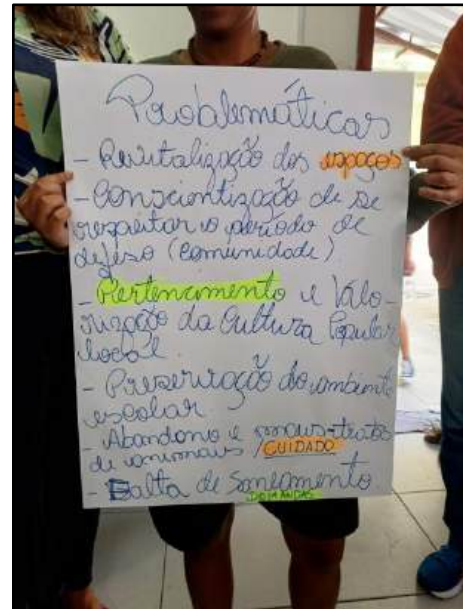
Imagem 50: Momento formativo (3)



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2023.

Imagem 51: Momento formativo (4)

Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2023.

Imagem 52: Momento formativo (5)

Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2023.

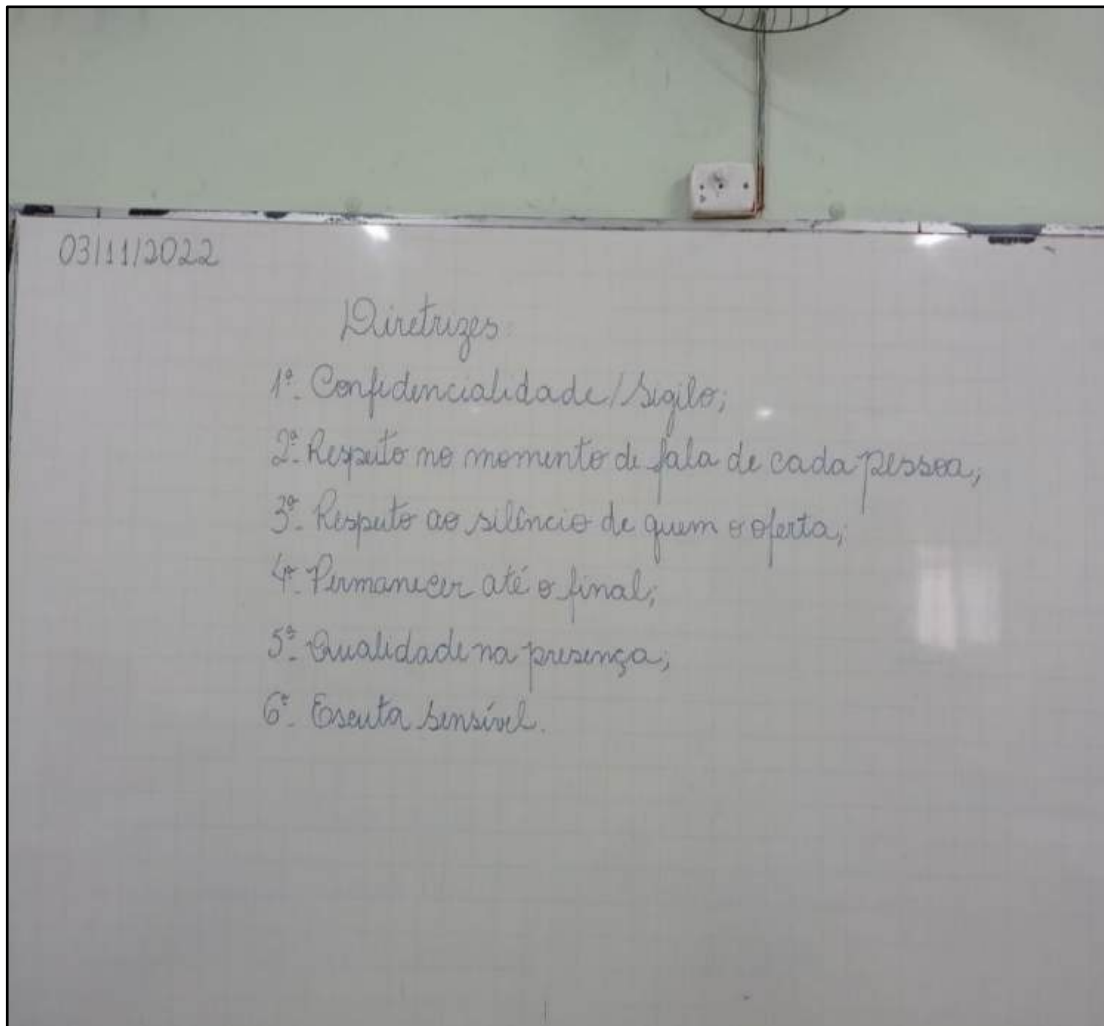
Teremos então que entrelaçar os conhecimentos científicos e acadêmicos à realidade vivida pela nossa comunidade, a fim de produzirmos um conhecimento real, construído por uma totalidade.

Fizemos então, nas turmas do fundamental II, os círculos de paz, na busca por melhorar as relações, o respeito e a escuta. Esse processo se identifica com os diálogos amorosos (Freire, 2017), diálogos que se traduzem em processos educativos capazes de reconhecer o outro como sujeito e não como objeto. Isso nos ensina que essa relação educador/educando é pautada no diálogo aberto, nas trocas de saberes e de experiências, na escuta sensível, nos quais os estudantes desenvolvem a sua autonomia e são respeitados, entendendo ser esse um princípio basilar da educação como um ato de amorosidade.

Nas palavras de Paulo Freire (1987, p. 79-80), a

educação é um ato de amor, onde homens e mulheres reconhecem-se como seres inacabados e, portanto, passíveis de aprender, sendo que não há diálogo [...] se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que o funda [...]. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo.

Imagem 55: Diretrizes do planejamento do *Círculos de Construção de Paz*.




Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2022.

Cada círculo possui o planejamento de desenvolvimento das ações conforme a intencionalidade. Alguns combinados são feitos a fim de organizar e de manter o respeito e o sigilo, sempre tendo como foco a escuta dos participantes. No círculo, não buscamos resolver problemas de ninguém. Elegemos um objeto qualquer para ser o objeto da palavra, sentamos em círculo e a partir daí o objeto da palavra circula e apenas quem está em posse do item pode falar. O restante apenas escuta, não podendo tecer nenhum comentário, nem dar opiniões sobre o que foi falado. O respeito e o cumprimento do que foi combinado são fundamentais para o sucesso.

Nas imagens a seguir, mostraremos o planejamento realizado na escola com a turma do 6º ano A e alguns registros dos momentos da nossa prática.

Imagem 56: Planejamento para círculos de paz.

		
Comissão de Práticas Restaurativas na Educação - (CPRE) - Vitória, ES		
PLANEJAMENTO/RELATÓRIO DO CÍRCULO DE CONSTRUÇÃO DE PAZ		
Facilitadores: Rose e Rossana		
Instituição: Emef Adão Benezath		
Tema/Título de círculo: Cultura de paz na escola		
Tipo de Círculo: (X) Círculo de diálogo () Círculo de Celebração () Círculo de Aprendizagem () Círculo de Construção de Comunidade () círculo de apoio () Círculo de apoio () Círculo de tomada de decisão () Outro		
Total de crianças e adolescentes beneficiados pelo círculo: 23		
Total de adultos beneficiados pelo círculo: 2		
Total de participantes: 23		
Instituição dos participantes: Emef Adão Benezath		
Data: 07/06/2023 Início às 7h50min.		
Local: Sala de aula do 6º Ano A e Pátio coberto.		
Participantes: Estudantes do 6º Ano A		
Motivação/contextualização: Melhorar as interações entre os estudantes para uma cultura de paz no ambiente escolar.		
ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CÍRCULO		
Centro do Círculo	Livros sobre a temática de cultura de paz, dois círculos sobrepostos, fichas com os valores universais, uma plantinha, pelúcia de girafa.	Tempo
Objeto da Palavra	Bicho de pelúcia a ser escolhido pelos integrantes do círculo.	
Cerimônia de Abertura	Dinâmica dos Malabares	12 min
Check-in (Rodada de Apresentações)	Permita que todos se apresentem, e digam: Como você está chegando para esse encontro?	12 min
ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CÍRCULO		
Construção dos Valores	Baseados nos valores universais escolher dois valores que serão disponibilizados no círculo: confiança, cuidado, respeito, diálogo, gentileza, gratidão, amizade, esperança, amizade, empatia, compreensão, responsabilidade, cooperação, felicidade, autoconfiança, escuta, afetividade, compaixão, coragem, alegria, tolerância, amor. Se o participante quiser pode anotar o valor que não esteja presente em fichas.	12 min
Construção das Diretrizes	DIRETRIZES. Vamos destacar algumas orientações para o funcionamento do nosso círculo de diálogos: 1ª- confidencialidade/sigilo 2ª- respeito ao momento de fala de cada pessoa 3ª- respeito ao silêncio de quem o oferta 4ª- permanecer até o final 5ª- qualidade na presença 6ª- escuta sensível (Perguntar se no grupo há alguma outra sugestão e se todas e todos concordam com as sugestões apresentadas) Precisa de uma rodada para que todos/os aprovelem as diretrizes/combinados pré-estabelecidos pelo grupo.	12 min
Perguntas disparadoras	1ª Rodada... Quais as qualidades baseadas nos direitos universais que você acredita que um bom colega possa ter ?	12 min
	2ª Rodada... O que você vivenciou de melhor dentro da escola?	12 min
	3ª Rodada... Já vivenciou algum tipo de violência dentro da escola? Qual?	12 min
	4ª Rodada... O que você acha que não pode faltar em uma excelente escola?	12 min
Check out (Rodada de Fechamento)	Como cada um está saindo desse momento? Comente sobre essa experiência.	12 min
Cerimônia de Encerramento	Dança circular.	12 min
BREVE RELATO DE EXPERIÊNCIA COM FOTOS ANEXADAS		

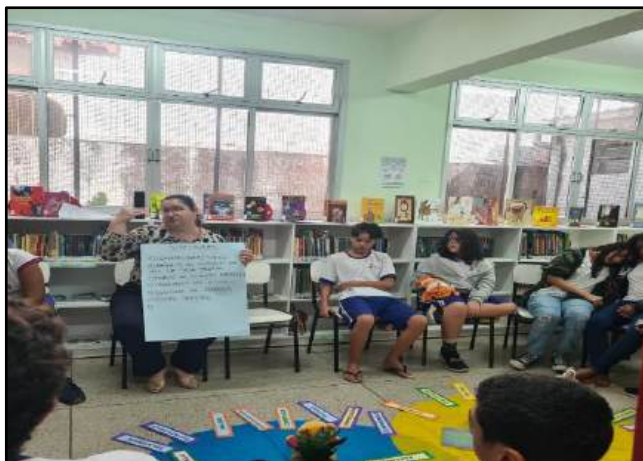
Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2023.

Imagem 57: Práticas de Círculos de Construção *de* Paz (3)



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2023.

Imagem 58: Práticas de Círculos de Construção de Paz(4)



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2023.

Imagem 59: Práticas de Círculos de Construção de Paz (5)



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2023.

A cada conclusão de círculo, observávamos que os estudantes tornavam-se mais leves nas suas relações humanas. Por um período, os conflitos cotidianos diminuíram.

Mais um ano se passou e continuaremos, na próxima seção, com o acompanhamento das ações pedagógicas desenvolvidas no ano de 2024.

4.3 COTIDIANOS ESCOLARES, COMUNIDADE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EMEF ADÃO BENEZTH NO ANO DE 2024

Em 2024, desenvolvemos o projeto *Literatura e ludicidade: dos povos originários à afro-brasileiros*. Essa ação buscou conscientizar e destacar as principais contribuições dos povos originários e negros na formação da identidade cultural brasileira. A escola é formada por diversos grupos étnico-raciais e tem o papel importante na sociedade de preparar as crianças desde cedo para adquirirem uma consciência crítica, com atitudes positivas de respeito e de valorização étnico-racial. É preciso educar as crianças para a quebra de preconceitos, promovendo a inclusão social das diferentes etnias para uma convivência saudável no espaço em que estão inseridas. Assim, a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos, indígenas e negros, trocas de conhecimentos e quebra de desconfianças, constituindo um projeto conjunto para a construção de uma sociedade mais justa, antirracista, igualitária e de paz.

Imagem 60: Exposição de artefatos indígenas (1)



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2024.

Ao longo do desenvolvimento do projeto, oportunizamos aos alunos a possibilidade de conversarem com o indígena Jefferson. Ele é tupiniquim da aldeia de Caeiras Velha, na cidade de Aracruz, e mostrou vários materiais indígenas produzidos em sua comunidade. Os alunos tiveram a oportunidade de ver de perto, despertando a curiosidade pelo saber ancestral.

Imagem 61: Exposição de artefatos indígenas (2)



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2024.

Imagem 62: Culminância do projeto *Literatura e ludicidade: dos povos originários à afro-brasileiros* (1)



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2024.

Imagem 63: Culminância do projeto *Literatura e ludicidade: dos povos originários à afro-brasileiros (2)*



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2024.

Dentro da perspectiva de tornar a compreensão das origens raciais mais clara e divertida, realizamos ainda o projeto *Viajando pela leitura e escrita nos universos ambientais e étnico raciais*. Essa proposta buscou valorizar a prática da leitura e da escrita como elemento fundamental na aquisição e na propagação de conhecimentos, na alfabetização e ainda como uma atividade prazerosa e reflexiva que, além de proporcionar informações, pode constituir-se em um ótimo instrumento de socialização, cultura e busca do saber. Assim, iremos nos aprofundar nos temas que permeiam o projeto, que são: meio ambiente e relações étnico-raciais. O objetivo é conscientizar e destacar as principais contribuições dos povos originários e negros na formação da identidade cultural do povo brasileiro, tendo em vista que a escola é formada por diversos grupos étnico-raciais e tem o papel importante na sociedade de preparar as crianças desde cedo para adquirirem uma consciência crítica com atitudes positivas de respeito.

As ações do projeto foram realizadas com o objetivo de dinamizar as atividades de sala de aula, em parceria com a biblioteca e o laboratório de informática, estimulando a prática da leitura e fornecendo os meios necessários para a expressão escrita por meio de tipos, de gêneros e de suportes textuais, valorizando, dessa maneira, a função social da linguagem no contexto educacional.

Trabalhamos o tema meio ambiente e as relações étnico-raciais durante todo o ano de 2024, com livros e sequências didáticas com as temáticas indígena. Houve aulas de campo

envolvendo pesquisas no Mucane (Museu Capixaba do Negro), na Escola de Ciências, Biologia e História, na Fábrica de Ideias e também na região de Goiabeiras – Panelleiras, valorizando a nossa cultura local e originária dos povos indígenas e afrobrasileiros.

Na biblioteca Noélia Miranda, em parceria com a bibliotecária, trabalhamos diversos livros com a temática do projeto, resultando na produção de textos e de ilustrações. Ao final do ano, construímos um portfólio sobre toda a vivência desse projeto.

Imagem 64: Mesa de livros ofertados para leitura



Fonte: foto cedida por Fabíola Dias, registro do ano de 2024.

Imagem 65: Momento de escolha dos livros (1)



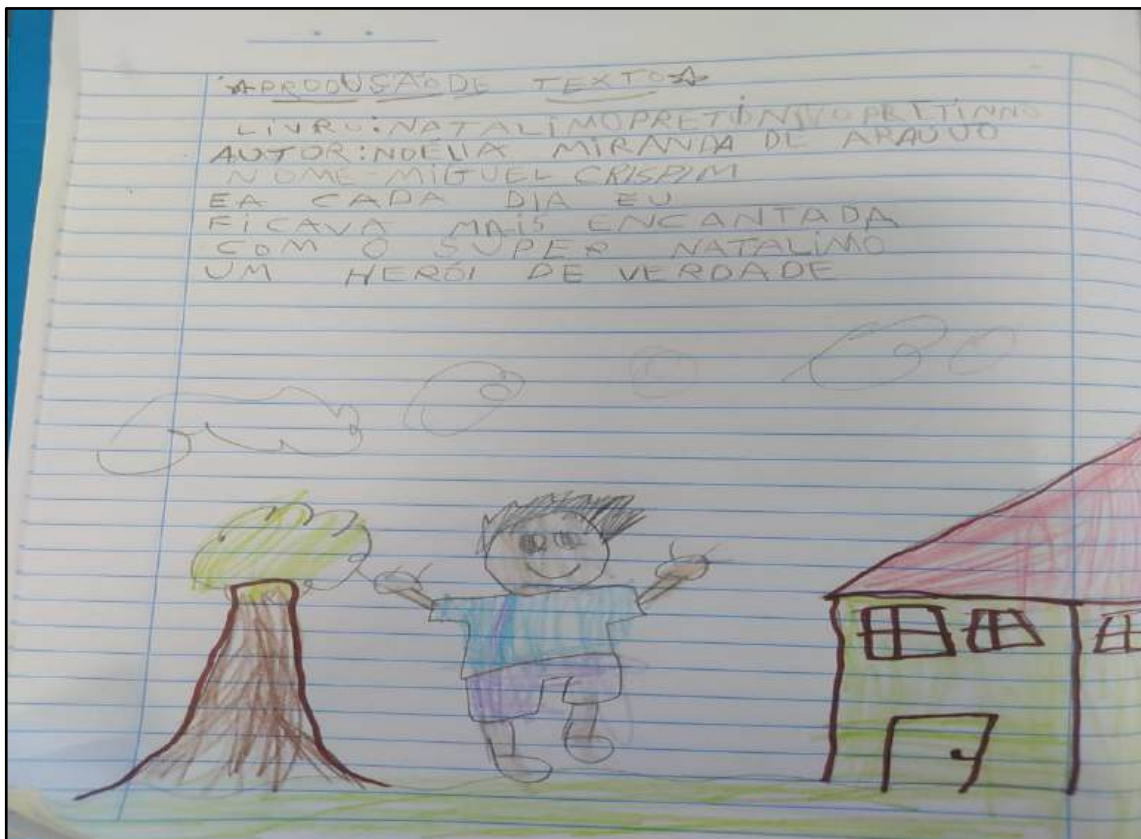
Fonte: foto cedida por Fabíola Dias, registro do ano de 2024.

Imagem 66: Momento de escolha dos livros (2)



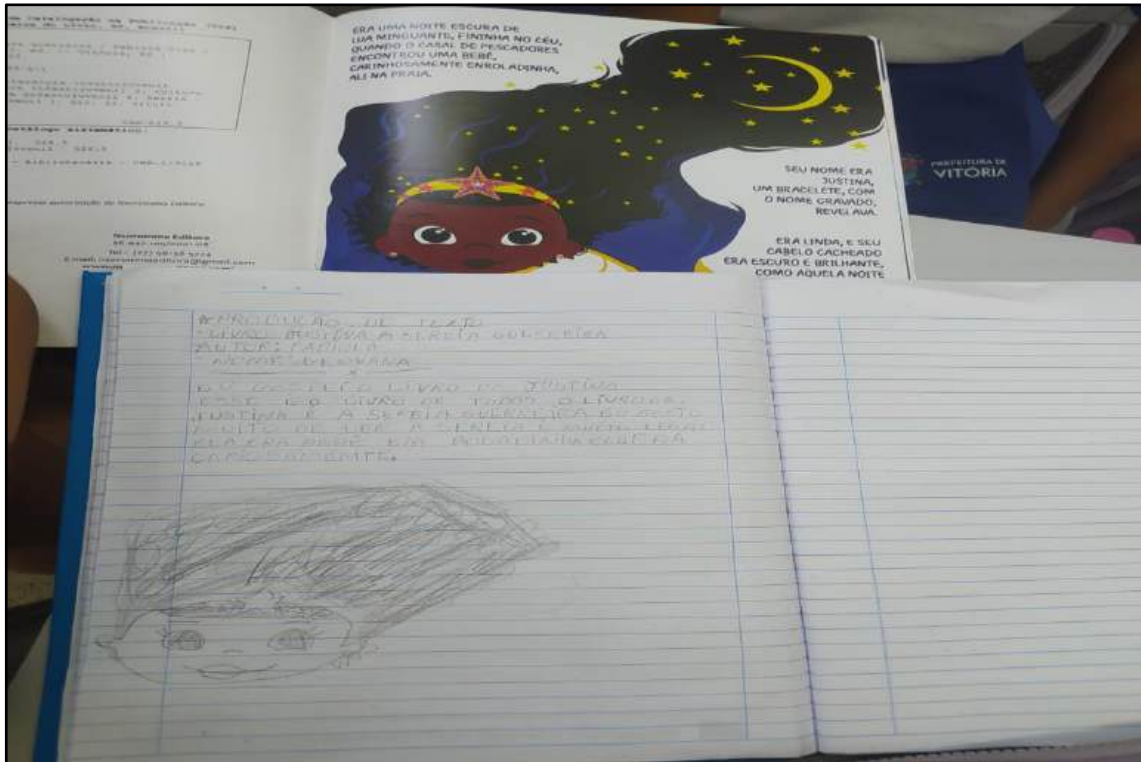
Fonte: foto cedida por Fabíola Dias, registro do ano de 2024.

Imagem 67: Momento de produção de texto (1)



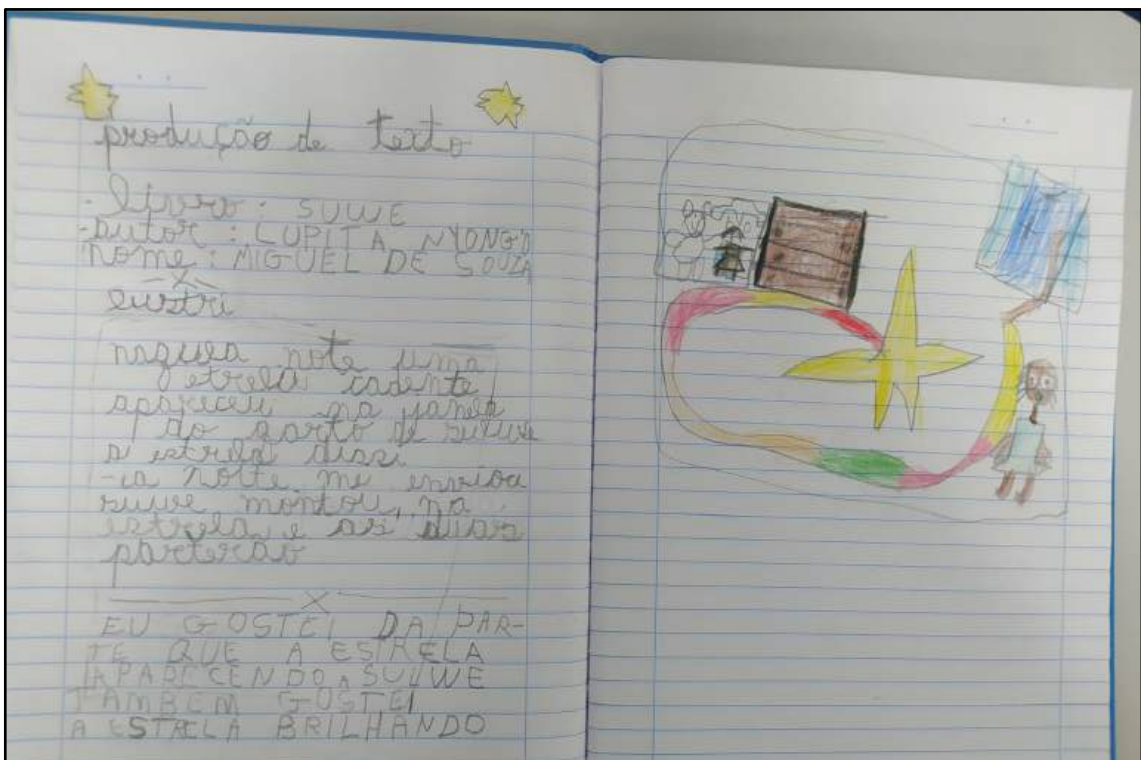
Fonte: foto cedida por Fabíola Dias, registro do ano de 2024.

Imagem 68: Momento de produção de texto (2)



Fonte: foto cedida por Fabíola Dias, registro do ano de 2024.

Imagem 69: Momento de produção de texto (3)



Fonte: foto cedida por Fabíola Dias, registro do ano de 2024.

Imagem 70: Momento de produção de texto (4)



Fonte: foto cedida por Fabíola Dias, registro do ano de 2024.

No desenvolvimento desse projeto, pudemos ver os textos produzidos pelos alunos após a leitura dos livros, assim como o reconhecimento da sua origem, a escolha do que gostaria de ler e o discorrer da sua história, podendo lê-la para toda a turma.

Preciso aqui fazer uma referência a escritora Noélia Miranda, negra, capixaba e incentivadora dos projetos antirracistas desenvolvidos pela escola. Além de escritora é representante da CEAFFRO (comissão de estudos afro brasileiros) e ProERER (programa de educação para as relações étnico-raciais) na Secretaria de Educação de Vitória. Seus livros contam a história que não é contada e mostram a realidade de um povo guerreiro, onde existem príncipes, princesas, reis, rainhas e sonhos.

5 CONTEXTO DA PESQUISA E AS EXPRESSÕES CULTURAIS LOCAIS

Neste capítulo, traremos para o contexto da pesquisa as expressões culturais, registrando e problematizando as narrativas das Paneleiras e da banda de congo *Panela de Barro*. Faremos uma aposta para pesquisarmos futuramente.

A metodologia baseia-se em enfatizar e em problematizar as perspectivas ecologistas que permeiam as narrativas contadas pelas diferentes gerações das Paneleiras de Goiabeiras e dos mestres do congo, consideradas como sujeitos de suas histórias de vida e de resistências, como potencialidade política, histórica, pedagógica e ecológica no contexto dos saberes educacionais.

5.1 AS PANELEIRAS DE GOIABEIRAS VELHA TRAZENDO O OFÍCIO COMO RESISTÊNCIA POLÍTICA

O ofício das Paneleiras de Goiabeiras trata do primeiro registro de um bem cultural concretizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), inscrito no *Livro de Registro dos Saberes*. O registro foi feito a pedido da Associação das Paneleiras de Goiabeiras e pela Secretaria de Cultura de Vitória, do Espírito Santo, como consta no portal Iphan²⁵.

Imagem 71: Paneleira realizando a pintura da panela



Fonte: Paneleiras de Goiabeiras – Artesol - redeartesol.org.br/rede/paneleiras-de-goiabeiras/

²⁵ Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Paneleiras de Goiabeiras.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Paneleiras%20de%20Goiabeiras.pdf). Acesso em: 24 out. 2024.

Imagem 72: Paneleira Lucy Barbosa Salles, de 78 anos, natural do bairro de Goiabeiras



Fonte: foto cedida por Maria Clara Leitão.

O Ofício das panelleiras é considerado de origem idígena e africana, o galpão localizado no bairro de goiabeiras em Vitória, no Espírito Santo, mantém a tradição de fazer panelas do barro encontrado no vale do Mulembá, nas imediações do mangue. As panelleiras de goiabeiras são reconhecidas e aprenderam o ofício de fazer panelas de barro com seus ancestrais, bisavós, avós, mães.

A argila utilizada na confecção das panelas de barro é retirada de uma jazida que pertence ao Estado do Espírito Santo, localizada no bairro Joana D'arc e chamada de Vale do Mulembá. Para que tivessem acesso à argila, antigamente as próprias mulheres iam de canoa para retirar e transportá-la, seguindo o percurso dos braços do manguezal. Hoje já é possível as panelleiras comprarem as bolas de argila ao barreiro (pessoa que retira o barro na jazida) e as transportarem de carro até o galpão, onde possuem os espaços de produção e de queima das panelas.

As panelas dispensam o torno e o forno. Modeladas à mão, a queima é realizada em fogueiras a céu aberto. O tanino é a tinta utilizada na panela ainda quente para impermeabilizar, que colore de negro o barro e garante a resistência. Essa tinta é proveniente da casca do mangue-vermelho, árvore encontrada no manguezal vizinho.

Imagem 73: Parque do Mulembá (1)



Fonte: foto cedida por Tânia Figeraltha, registro do ano de 2024.

Imagem 74: Parque do Mulembá (2)



Fonte: foto cedida por Tânia Figeraltha, registro do ano de 2024.

Na escola, desenvolvemos o projeto *Sementes de Consciência*, com o objetivo de tornar a educação ambiental em algo não distante do cotidiano dos alunos, como parte de suas vidas, mostrando que ela não está apenas ligada à reciclagem e à coleta de lixo, mas entrelaçada às vidas humanas e não humanas, despertando nas crianças uma consciência crítica do racismo ambiental, que é uma das formas de materialização do racismo estrutural. Foram realizadas trilhas no manguezal, visita ao galpão das Paneleiras, visita ao parque do Mulembá, de onde se extrai o barro para a confecção das panelas, e por fim uma oficina para que os próprios alunos confeccionassem as suas panelas, dando-lhes a experiência de protagonizar e de valorizar essa arte secular de fazer panelas.

Imagem 75: Alunos em visita ao parque do Mulembá



Fonte: foto cedida por Tânia Figeraltha, registro do ano de 2024.

Imagem 76: Chegada do barro ao galpão das Paneleiras



Fonte: foto cedida por Tânia Figeraltha, registro do ano de 2024.

Imagem 77: Chegada do barro ao galpão das Panelas



Fonte: foto cedida por Tânia Figeraltha, registro do ano de 2024.

Imagem 78: Momento da queima a céu aberto



Fonte: foto cedida por Tânia Figeraltha, registro do ano de 2024.

Imagem 79: Momento da pintura da peça



Fonte: foto cedida por Tânia Figeraltha, registro do ano de 2024.

Imagem 80: Momento da pintura da peça



Fonte: foto cedida por Tânia Figeraltha, registro do ano de 2024.

Imagem 81: Exposição das panelas para venda



Fonte: foto cedida por Tânia Figeraltha, registro do ano de 2024.

[...]
 Todo capixaba tem
 Um pouco de beija flor no bico
 Uma panela de barro no peito
 Uma orquídea no gesto
 Um cafezinho no jeito

Um trocadilho na brincadeira
 Um congo no andar
 Um jogo de cintura
 Um chá de cidreira
 Uma moqueca perfeita
 E uma rede no olhar.

Elisa Lucinda²⁶

²⁶ Poema disponível em: <https://www.blocosonline.com.br/literatura/oesia/brpoe/brpoe105.php>. Acesso em: 24 out. 2024.

Ainda hoje, conta a paneleira de ofício Laurinda Lucidato, “quando não há viração soprada do mar, as paneleiras assoviam chamando o vento, pois sem ele o fogo não é suficiente para completar o cozimento das peças”.

Nesse contexto, conhecemos e vivenciamos a experiência de todo o processo de feitura da panela de barro, além de possibilitar aos estudantes entenderem as etapas e técnicas utilizadas, desde a separação do barro, o armazenamento, o *alisar* a panela, os formatos de cada uma delas, até a queima com o tanino. Foi possível que eles pudessem entender os ensinamentos seculares, transmitidos oralmente, em especial entre as mulheres, sobre a produção artesanal dessa tradicional panela de barro, reconhecida como patrimônio imaterial brasileiro.

Além disso, essa vivência oportunizou aos estudantes conhecer o trabalho enquanto processo coletivo, constituído dentro de uma associação, na qual predominam as mulheres e cujo ofício é passado de geração em geração. Experimentar com as próprias mãos, modelar e fazer são ações que possibilitaram aprendizagens aos estudantes, estabelecendo uma relação com uma atividade tradicional e única de artesanania.

5.2 O CONGO NA SUA EXPRESSÃO CULTURAL ANCESTRAL E A PARTICIPAÇÃO DA BANDA DE CONGO *PANELA DE BARRO* NOS COTIDIANOS ESCOLARES DA EMEF “ADÃO BENEZATH”

O Conselho Estadual de Cultura (CEC) aprovou com unanimidade o registro do congo do Espírito Santo como Patrimônio Imaterial do Estado, em cerimônia no Palácio Anchieta. O governador Renato Casagrande oficializou essa expressão artística como patrimônio cultural na data de 20 de novembro de 2014.

O congo do Espírito Santo possui alguns escritos que se confrontam quando se trata da sua origem. Segundo o folclorista Guilherme Santos Neves, as bandas de congo têm origem indígena. Neves (1980), em seu estudo, diz que a primeira referência impressa sobre o congo no Espírito Santo, o livro de Padre Antunes Siqueira chamado *Esboço Histórico dos Costumes do Povo Espírito-Santense*, faz uma descrição do que chamou de *primitivas bandas de congos*, que eram integradas por índios mutuns no vilarejo de Santa Cruz.

Porém, o professor e historiador Cleber Maciel traz informações que de certa forma contradizem Neves e que devem ser levadas em consideração. Maciel declara que, em 1854, um congo se apresentou numa festa que se realizava em Queimado, no município de Serra, antecedendo então em alguns anos as apresentações realizadas por índios mutuns e relatadas por Santos Neves. São José de Queimado²⁷ era um importante centro de articulações políticas de escravizados, tendo sido palco de uma revolta escrava que eclodiu em 19 de março de 1849. Ainda em 1854, fora sancionada, em Nova Almeida – vilarejo relativamente próximo tanto de São José do Queimado quanto da localidade onde tocavam congos os índios mutuns –, a postura nº 3, que proibia os batuques, as danças e os ajuntamentos de escravizados (Maciel, 1992, p. 65-66).

A relação do congo como herança da memória africana chegou aos tempos atuais, graças aos esforços dos antepassados em conseguir, mesmo sob o domínio e o medo impostos pelos colonizadores, preservar a sua dignidade cultural (Maciel, 2016, p. 147). Dessa forma, podemos dizer que as bandas de congo surgiram com os índios e com os negros escravizados, que também organizavam batuques ao som dos congos.

As bandas são normalmente formadas por um pequeno grupo de pessoas, entre elas existem instrumentistas, dançarinas, mestre, rainha, porta estandarte *etc.* As bandas, de maneira geral, possuem o tambor de congo, a casaca, a cuíca, o chocalho e o apito.

Ao som desses instrumentos, as vozes, finas e grossas, claras ou fanhosas, de homem e de mulher cantam antigas ou novas músicas, nas quais são feitas referências a fatos do passado, como a escravidão, a guerra do Paraguai, os santos da devoção popular, os Orixás relacionados aos elementos da natureza, como o mar, as estrelas, o vento, a chuva, ou ao ser humano, cobrindo desde amor e morte até fatos políticos e sociais. Essas músicas podem ser alegres ou tristes, mas quase sempre são cantadas de forma semelhante, onde se destaca o fato de alongarem-se as sílabas finais dos versos. (Maciel, 2016, p. 151).

As bandas de congo são comandadas por um mestre ou capitão, que tem a função de reger e de orientar os músicos, os cantadores e as dançarinas.

O Congo é “uma manifestação típica da cultura popular capixaba que expressa a mistura cultural ocorrida no Brasil desde o Período Colonial. Une o batuque do Negro e do índio à

²⁷ Mais informações disponíveis em: [periodicos.ufes.br > revapees > article](http://periodicos.ufes.br/revapees/article). Acesso em: 24 out. 2024.

religiosidade católica trazida pelos Portugueses”, definição dada pelo mestre da Banda de Congo *Panela de Barro*, Reginaldo Sales (*in memoriam*).

Imagem 82: Banda de Congo Panela de Barro



Fonte: <https://web.facebook.com/photo/?fbid=473737884753879&set=a.473737854753882>. Acesso em: 24 out 2024.

Imagem 83: Apresentação da Banda de Congo Panela de Barro.



A banda de congo Panela de Barro foi fundada, em 1938, com o nome de Banda de Congo de Goiabeiras. Na década de 1980, passou a ser coordenada por Arnaldo Gomes Ribeiro, proprietário da fábrica de panelas de barro em Goiabeiras. Daí veio o nome banda de congo, que tem o apoio da Secretaria Municipal de Cultura²⁸.

²⁸ Informação disponível em: [Bandas de Congo: música e tradição da cultura popular no 26º FCV | 26º Festival de Cinema de Vitória Itinerante \(festivaldevitoria.com.br\)](https://www.festivaldevitoria.com.br/). Acesso em 25 abr. 2024.



Em 2001, a banda foi revitalizada pela historiadora Jamilda Alves Rodrigues Bento, nascida em Goiabeiras e filha de paneleiras. A tradição popular da banda refere-se às festas para São Benedito, e em alguns locais também a São Sebastião, São Pedro e Nossa Senhora da Penha.

As manifestações religiosas variam de acordo com a região. A celebração tem características próprias em cada local, mas está sempre associada a um naufrágio ocorrido no litoral capixaba, quando um grupo de escravos se salvou agarrado a um mastro que tinha uma imagem de São Benedito.

A partir daí, as comunidades de negros do litoral do Estado passaram a erguer um mastro todos os anos em agradecimento ao milagre. As festas são sempre acompanhadas de dezenas de músicas tradicionais das bandas de congo.



Em 2011, pela primeira vez em mais de 14 anos de edição, um grupo do Espírito Santo vai circular pelo Brasil, com o apoio do Sesc, através do projeto Sonora Brasil. A banda de congo Panela de Barro foi selecionada por uma curadoria do Sesc Nacional para representar o Estado em uma turnê pelo Brasil, mostrando um trabalho que resgata a tradição popular. O grupo que parte em turnê é formado por seis devotos: as cantadeiras Ruth Victor, Teresa Barbosa, Emília Ferreira e Maria Conceição, que se apresentam com o mestre Valdemiro Sales e o percussionista Marcos Pereira.



Tradicionalmente o conjunto é formado por 10 a 30 pessoas. Só os homens tocam os instrumentos. As mulheres representam as Rainhas, trajam vestidos longos, nas cores azul ou branco, com enfeites, e levam à frente o estandarte com o Santo de louvor, São Benedito, São Sebastião, São Pedro, Nossa Senhora do Rosário. Uma das antigas festas realizadas pela Irmandade dos Pretos do Rosário e São Benedito no centro de Vitória, eram os Bailes de Congo, representados no adro da Igreja do Rosário, por doze meninas vestidas e enfeitadas e uma gorda matrona²⁹.

No cotidiano escolar da EMEF Adão Benezath, a banda de congo *Panela de Barro* desenvolveu o projeto *Instrumentarte*. o Programa teve início no ano de 2006, por meio da lei de incentivo Rubem Braga, no Município de Vitória, atendendo às escolas de ensino infantil e de ensino fundamental. O projeto é coordenado pelos seus idealizadores, os folcloristas Wander Silva (Sagrilo) e o saudoso mestre Reginaldo Barbosa Sales (*in memoriam*). Ampliou a sua atuação para a região de Goiabeiras com o mestre Valdomiro Sales, da banda de congo *Panela de Barro*.

Assim, o mestre Valdomiro, o folclorista Wander Silva e a dançarina Dona Ruth seguiram com o projeto nas escolas de Goiabeiras. Em 2019, foi necessário pausar o trabalho por causa da pandemia da covid-19. As ações foram retomadas em 28 de julho de 2023, quando assinaram o ofício de reativação do projeto *Instrumentarte*, que tem por objetivo manter aceso o sabor de tocar os instrumentos do congo e as suas expressões culturais. Dessa forma, fomos contemplados com 17 oficinas de congo, que foram desenvolvidas nos meses de agosto a dezembro de 2023 pelo mestre Valdomiro, pelo folclorista Wander Silva (Sagrilo) e pela dançarina Dona Ruth.

As oficinas aconteceram no pátio da escola, com a participação das turmas dos 4º e 5º anos do ensino fundamental, com aulas teóricas e práticas acerca do congo. No momento das aulas, o mestre Valdomiro os ensina a tocar cada instrumento e como eles são fabricados, de onde surgiram e como fazem parte da cultura do bairro, ajudando assim a musicalizar as toadas e a animar a dança.

²⁹ Informações e imagens disponíveis em: <https://bandascapixabas.blogspot.com/2011/09/banda-de-congo-panela-de-barro.html>. Acesso em: 25 abr. 2024.

Imagem 84: Projeto *Instrumentarte* (1)



Fonte: foto cedida por Silvia Mantovani, registro do ano de 2023.

Imagem 85: Projeto *Instrumentarte* (2)



Fonte: foto cedida por Silvia Mantovani, registro do ano de 2023.

Imagem 86: Projeto *Instrumentarte* (3)



Fonte: foto cedida por Silvia Mantovani, registro do ano de 2023.

Imagem 87: Projeto *Instrumentarte* (4)



Fonte: foto cedida por Silvia Mantovani, registro do ano de 2023.

Imagem 88: Projeto *Instrumentarte* (5)



Fonte: foto cedida por Silvia Mantovani, registro do ano de 2023.

Os instrumentos que são confeccionados pelo artesão possuem um tamanho menor, para que as crianças possam manusear com facilidade. Durante as oficinas na sala de aula, os alunos aprenderam toadas do congo capixaba e também criaram e escreveram as suas próprias toadas. Em seguida, o mestre colocou todos para tocarem, transformando tudo em alegria.

O congo formado pelo mestre, pela dançarina e cantadeira e pelo folclorista e artesão vai assim ensaiando toadas e as crianças a tocarem os instrumentos. Cada uma escolhe o que

quer tocar e as toadas vão ganhando uma sonoridade única. A cada nova toada, as crianças vão ganhando uma energia que transborda em alegria, o som vai ficando cada vez mais alto e todos se envolvem na cantoria e até se arriscam a dançar. Aqueles que são mais tímidos perdem logo a timidez e se envolvem, tocando e cantando, sempre formados em círculo. O que chamou muito a atenção de todos foi a exaltação que o mestre faz a cada final das oficinas. O mestre para de tocar e fala com eles:

Viva a escola! [Daí todos gritam *viva*, tocando o seu instrumento bem alto].

Viva a comunidade! Vivaaaaaaaaa!

Viva a professora! Vivaaaaaaaaa!

Viva a natureza! Vivaaaaaaaaa!

Viva o manguezal! Vivaaaaaaaaa! [Assim terminam o ensaio, de arrepiar].

Imagem 89: Projeto *Instrumentarte* – congo na escola, momento de ensaio (1)



Fonte: foto cedida por Silvia Mantovani, registro do ano de 2023.

Imagem 90: Projeto Instrumentarte – congo na escola, momento de ensaio (2)



Fonte: foto cedida por Sílvia Mantovani, registro do ano de 2023.

A apresentação dos instrumentos (tambor, casaca, chocalho, apito e caixa) foi muito bem aceita pelos alunos, que logo se interessaram em aprender a tocar. Muitos se identificaram, pois já possuíam familiares que tocavam o congo, mostrando que a aprendizagem ancestral da comunidade é conhecimento vivo. Porém, é sabido também que o congo possui um histórico de depreciação que não vem de hoje, como nos revela na sua tese de doutorado a professora e pesquisadora da Universidade Federal do Espírito Santo Andreia Teixeira Ramos (2018, p. 185):

[...] situações concretas aqui narradas, a forma como os praticantes do congo são chamados por alguns colegas de sala de aula, e como o congo é designado pelos professores e professoras, depreciam não apenas seus praticantes, mas o próprio congo como prática cultural capixaba secular. Essa depreciação não é de hoje, razão pela qual o congo é compreendido como uma prática de resistência de herança africana, a qual foi mantida ao longo de gerações pelos esforços de grupos que viveram e vivem às margens da sociedade (Ramos, 2018, p. 185).

Alguns alunos e ex-alunos da EMEF Adão Benezath hoje fazem parte da banda de congo *Panela de Barro Mirim*, aprendendo com os seus mestres a importância e o valor dos conhecimentos deixados pelos ancestrais, contribuindo assim para a formação do ser para o mundo.

Imagem 91: Banda de congo *Panela de Barro Mirim*, quintal da Jamilda (1)



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2023.

Imagem 92: Banda de congo *Panela de Barro Mirim*, quintal da Jamilda (2)



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2023.

Imagem 93: Banda de congo *Panela de Barro Mirim*, quintal da Jamilda (3)



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2023.

No encerramento do projeto, já em dezembro de 2023, fizemos uma grande festa com a presença da banda de congo *Panela de Barro*, na qual realizaram uma apresentação para os alunos da escola e em seguida tocaram algumas toadas junto com as crianças. Por fim, fizeram um cortejo pela escola com direito à estandarte com o nome da bandinha criada pelos alunos: *O Congo da Alegria*.

Imagem 94: Projeto *Instrumentarte* – congo na escola, momento do cortejo (1)



Fonte: foto cedida por Silvia Mantovani, registro do ano de 2023.

Imagem 95: Projeto *Instrumentarte* – congo na escola, momento do cortejo (2)



Fonte: foto cedida por Silvia Mantovani, registro do ano de 2023.

Imagem 96: Projeto *Instrumentarte* – congo na escola, momento do cortejo (3)



Fonte: foto cedida por Silvia Mantovani, registro do ano de 2023.

A seguir, temos uma narrativa da pedagoga sobre as oficinas de congo nos cotidianos escolares:

O Projeto *Instrumentarte* trouxe o congo para a escola e criou a banda *Congo da Alegria*, formada pelos alunos da EMEF Adão Benezath. O projeto ocorreu no período de 10 de agosto a 7 de dezembro de 2023, na EMEF Adão Benezath. Foram 17

encontros de pura troca de cultura e experiências. O mestre Valdemiro, junto com o mestre Sagrilo, trouxe à nossa escola a história do congo, com toadas feitas pelos próprios alunos. As toadas foram produzidas em sala de aula e depois transformadas em música.

O projeto foi de bastante relevância aos estudantes, pois eles utilizaram os seus conhecimentos de mundo, uma vez que as toadas foram produzidas de acordo com as suas realidades regionais, a exemplo da toada *Barro do Mulembá*.

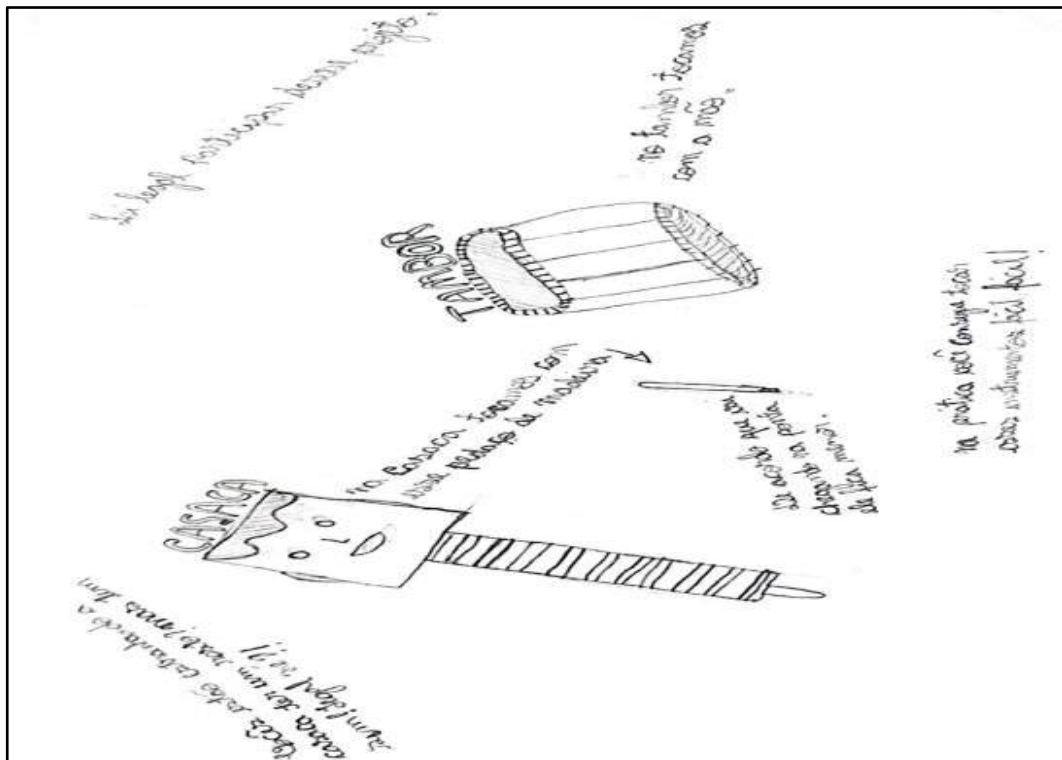
Além da escrita, os estudantes colocaram em prática a socialização e a interação com outros colegas. Aprenderam a tocar os mais diversos instrumentos que fazem parte de uma banda de congo, aprenderam as nuances de se tocar e cantar ao mesmo tempo e, por fim, aprenderam um pouco sobre a história do congo da região de Goiabeiras.

O projeto foi encerrado com uma bela apresentação dos estudantes de várias toadas, com a presença da banda de congo do bairro e outros convidados (Bárbara Thays Candido Coelho, pedagoga da EMEF Adão Benezath, 2024)

Também trazemos narrativas de crianças que participaram das oficinas de congo nos cotidianos escolares. Cada criança narrou o que vivenciou e pôde representar em desenho.

Eu gostei muito do projeto, aprender a tocar tambor e casaca foi muito especial. Quero poder aprender mais. (aluna do Maria do 6º ano B)

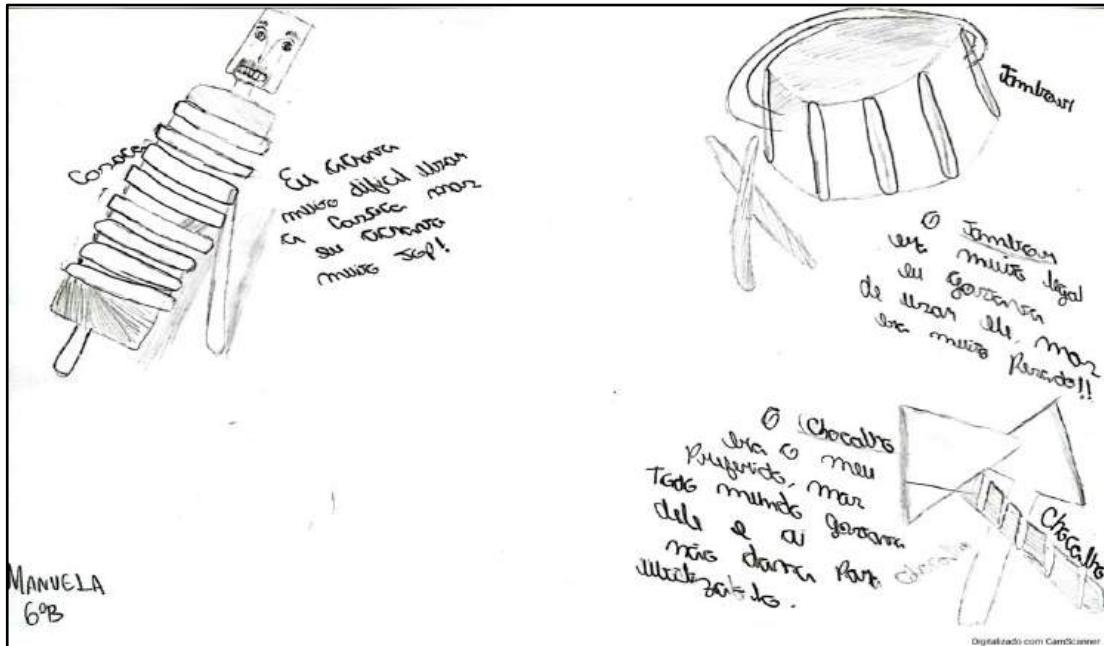
Imagem 97: Representação gráfica feita pelos alunos participantes do projeto de congo (1)



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2024.

Foi muito bom poder participar. Achei difícil tocar a casaca no começo, mas depois ficou mais fácil. Agora o tambor é muito legal, mas é pesado.

Imagem 98: Representação gráfica feita pelos alunos participantes do projeto de congo (2)



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2024.

Imagem 99: Representação gráfica feita pelos alunos participantes do projeto de congo (3)



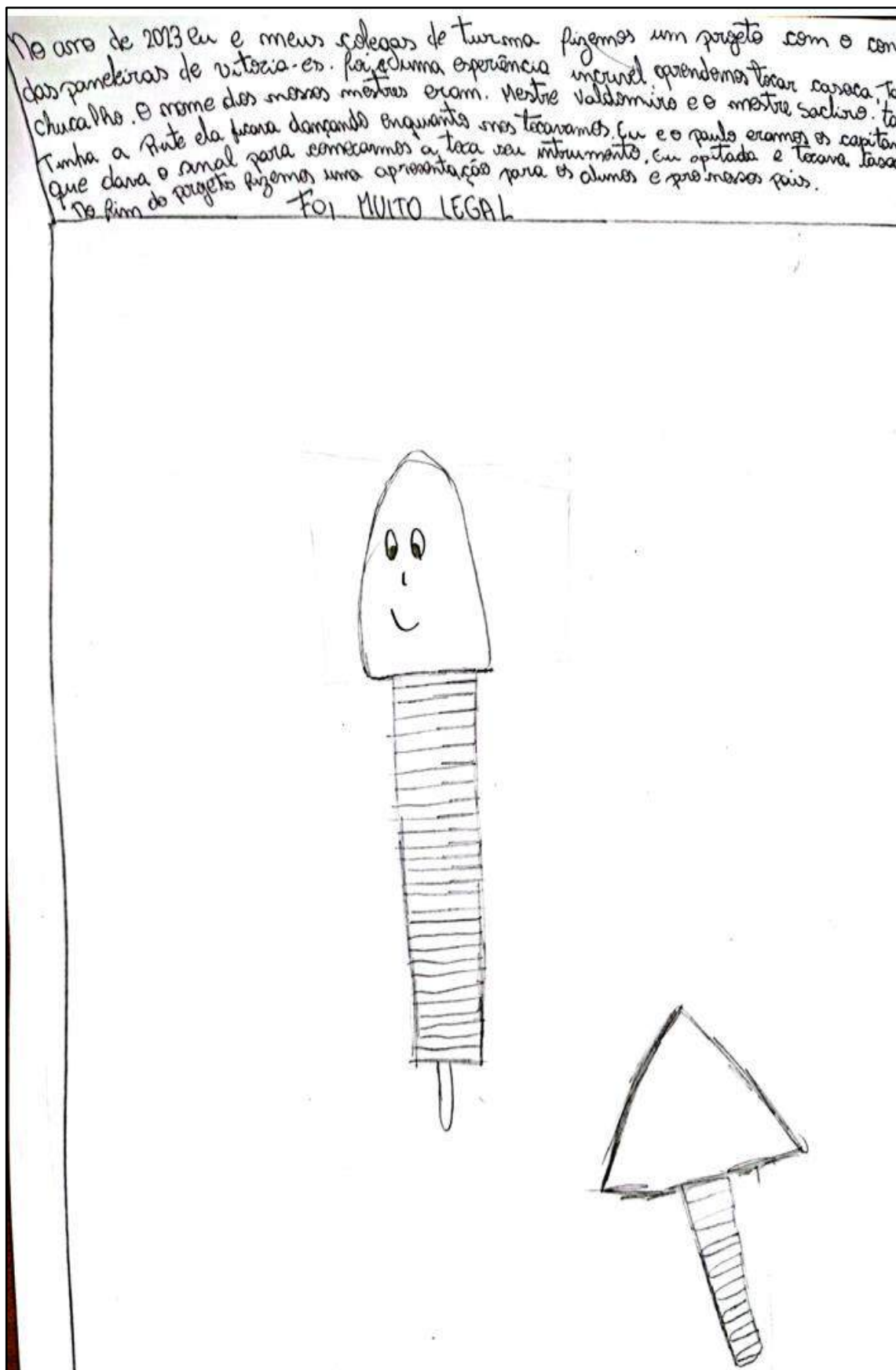
Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2024.

Imagem 100: Representação gráfica feita pelos alunos participantes do projeto de congo (4)

Projeto de Congo!

Congo da alegria é muito legal
 só que é um pouco complicado para
 aprender, mais com um tempo eu fui
 aprendendo, depois que aprendi eu
 me acostumei e agora fica muito fácil
 fazer em dia e todo igual outras
 pessoas tem muita facilidade
 para aprender as coisas eu amo
 fazer congo os professores são muito
 gentis boa eles também me deram
 aula de congo na creche quando
 eu era um pequenininha

Imagem 101: Representação gráfica feita pelos alunos participantes do projeto de congo (5)



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2024.

Imagem 102: Representação gráfica feita pelos alunos participantes do projeto de congo (6)

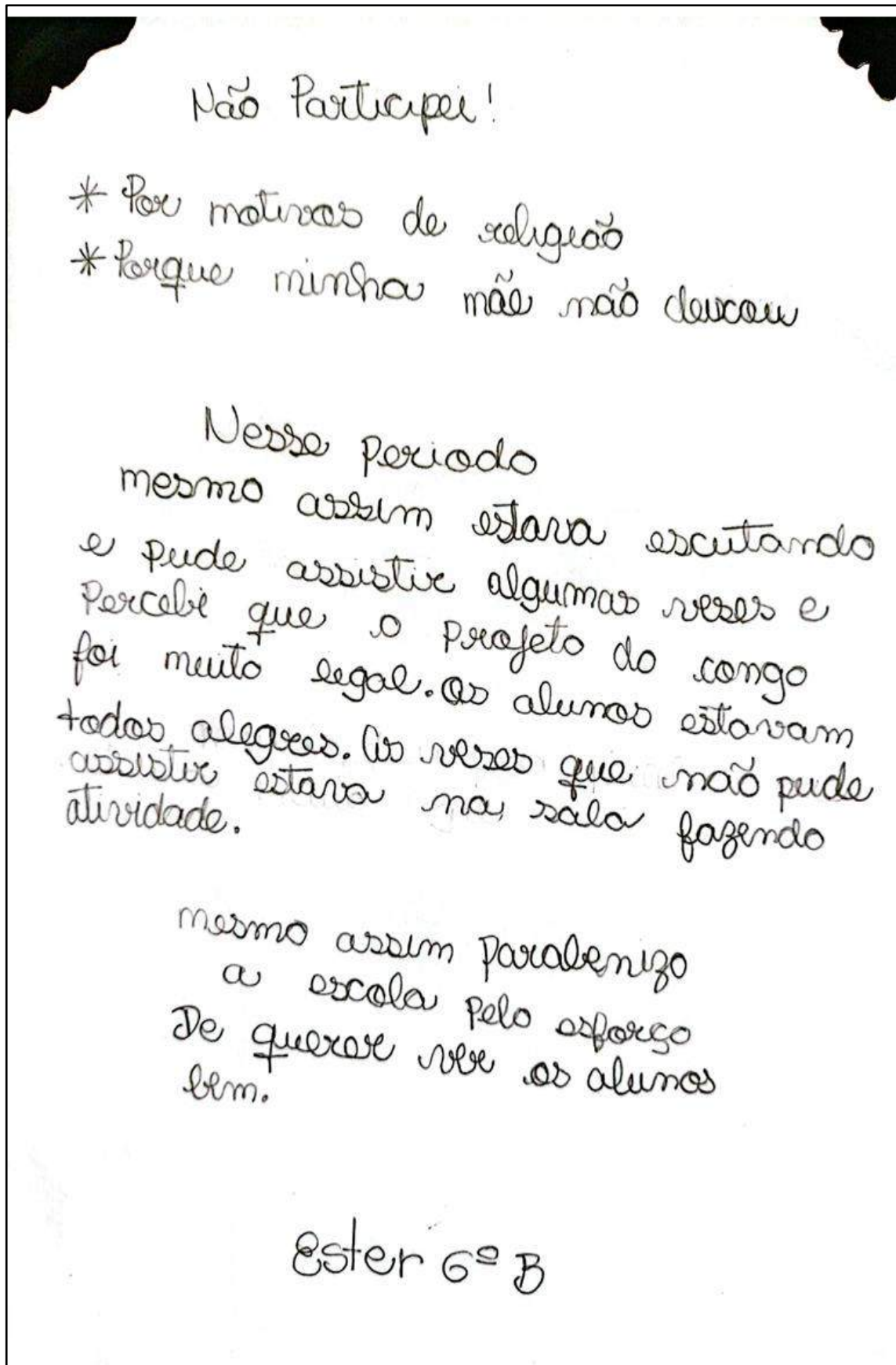


Imagem 103: Representação gráfica feita pelos alunos participantes do projeto de congo (7)

EU NÃO PARTICIPEI POR CAUSA DA MINHA
RELIGIÃO E PELOS OS MEUS PAIS, E ENQUANTO
ENSAIAVAM EU FAZIA ATIVIDADES NA SALA
DE AULA

Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2024.

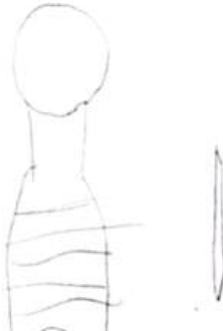
Imagem 104: Representação gráfica feita pelos alunos participantes do projeto de congo (8)

EU NÃO PARTICIPEI POR VERGONHA MESMO PORÉM O
PROJETO FOI INTERESSANTE VISUALMENTE E CULTURALMENTE
ACHEI BEM LEGAL PRINCIPALMENTE POR SER CAPIXABA,

Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2024.

Imagem 105: Representação gráfica feita pelos alunos participantes do projeto de congo (9)

EU NÃO FOI DE CONTA DE ALGUEM. ENQUANTO
EU ESTAVA VERENDO APARTEMENTE FOI LEGAL
E NO FINAL DO PROJETO FIZERAM UM LITRO
SHOW



Fonte: acervo pessoal do autor, registro do ano de 2024.

A partir das narrativas das crianças, pudemos reconhecer a interação dos alunos com as expressões culturais existentes na comunidade. Muitos possuem pais e mães, tios e tias, irmãos e irmãs que participam diretamente dessas expressões culturais, tocando, dançando ou fabricando instrumentos e vestuário.

Como vimos, essas expressões também enfrentam preconceitos por serem simplesmente de origem africana/indígena ou por não estarem ligadas à religião católica. Na escola, alguns alunos não participaram por causa da religião, porque os pais não permitiram, mesmo a criança querendo muito participar. Esses alunos desenvolviam outras atividades no momento das oficinas.

Essas atividades pedagógicas oportunizaram aos estudantes vivências de um processo coletivo, constituído dentro da comunidade, onde os seus próprios familiares desenvolvem o ofício e sentem-se na responsabilidade de repassá-lo de geração em geração para que a cultura não morra. Experimentar com as próprias mãos, modelar e fazer são ações que possibilitaram aprendizagem aos estudantes, estabelecendo uma relação com uma atividade que é de origem capixaba.

As expressões culturais do bairro potencializam práticas comunitárias voltadas para a preservação dos manguezais e suas relações humanas e não humanas, contudo lhes oferece conhecimentos que se constroem para além dos muros da escola. As ecologias, cultura do mangue e educações ambientais emergem nos cotidianos escolares, trazendo com elas os saberes-fazer da aprendizagem.

No próximo capítulo, iremos conhecer o produto educacional proveniente de todas essas vivências. Fomos capazes de produzir um material que retrata todas as experiências alcançadas nesse período em que se estabeleceu essa pesquisa, por meio de todas as atividades pedagógicas em que os alunos protagonizaram e experimentaram sensações únicas.

6 PRODUTO EDUCACIONAL

Este produto educacional é decorrente das pesquisas com o cotidiano da Nilda Alves, que nos ensina a estudar e pesquisar com os cotidianos de pessoas comuns, as narrativas, todos os sons e imagem contam. Podemos assim problematizar as experiências com fotos e narrativas, contribuindo com as redes de conhecimentos locais, com os encontros coletivos, com as conversações do Grupo de Pesquisa *Territórios de Aprendizagem Autopoiéticas* e com o Plano de Ação da escola, isso nos deu fundamentação para a partir dessas questões estabelecer a elaboração do produto educacional desta pesquisa. Ele é parte dos resultados obtidos nos projetos pedagógicos desenvolvidos na EMEF Adão Benezath, no quais os estudantes vivenciaram *saberes/fazeres* socioambientais que emergem com as redes de conversações e com as relações de convivência entre os sujeitos praticantes dos cotidianos, que se reconheceram como sendo seres participantes de uma comunidade.

O produto é composto por um cesto indígena itinerante, interativo, acessível e inclusivo, com vários elementos que contarão a história vivida por esses estudantes, por meio de pequenas oficinas que podem ser desenvolvidas em qualquer *espaçotempo*, fotos, livros e narrativas. As atividades decorrentes dos cotidianos escolares, com os movimentos e envolvimento das crianças, professores, formadores, mestres e dançarinas de congo, artesãos, paneleiras e outros seres comunitários que direta ou indiretamente acreditaram, participaram e viveram a pesquisa nos territórios da EMEF Adão Benezath.

Sendo assim, o cesto é dedicado a todos os interessados em explorá-lo, por meio de exposição ou de oficinas pedagógicas que contribuem para uma educação ambiental antirracista e como prática de liberdade.

Os componentes surpresa que constituem esse cesto são:

Varal de fotos

Composto por várias fotos que registraram as fases dos projetos pedagógicos desenvolvidos na EMEF Adão Benezath nos anos de 2022 a 2024. Podem ser expostos como exposição fotográfica ou acompanhando as oficinas enquanto as desenvolvem.

Oficina de casaca com garrafa pet

Material necessário: 1) garrafa pet que tenha ondulações ao longo do corpo; 2) papel sulfite que seria descartado (xerox, folhas de caderno jogadas no lixo); 3) fita crepe; 4) cola.

Modo de preparar: 1) amasse a folha de papel sulfite até formar uma bola; 2) cubra essa bola com outra folha de sulfite, deixando um espaço para enrolar e formar o pescoço (utilize três folhas); 3) coloque esse “pescoço” na boca da garrafa e fixe com o auxílio da fita crepe; 4) corte folhas de papel sulfite ou folhas de caderno que não têm mais uso em retalhos retangulares pequenos; 5) cole os retalhos recortados na garrafa pet, deixando um espaço na frente de cinco centímetros de largura e que se estende ao longo do corpo da garrafa; 6) repita o processo por 4 vezes; 7) em toda parte que tem papel, cubra com fita crepe; 8) desenhe o rosto do personagem do congo; 9) use a sua criatividade para ornamentar a casaca. Esta oficina potencializa a criatividade e o interesse em conhecer e tocar o instrumento que faz parte do Congo capixaba.

Oficina barco palermo

Material necessário: 1) caixa de papelão; 2) papel sulfite; 3) cola; 4) papel colorido (papel filipinho e cartolina dupla face); 5) barbante; 6) tinta guache; 7) palito de churrasco.

Modo de preparo: 1) abra a caixa de papelão; 2) desenhe o fundo e as laterais do barco – a altura varia de acordo com o tamanho da caixa; 3) cole as laterais, unindo as pontas; 4) corte retângulos pequenos de papel sulfite e cubra todo o barco; 5) cole bandeirolas no barbante e fixe o palito de churrasco nas extremidades do barco, pela parte de dentro; 6) pinte o barco de acordo com as cores dos barcos apresentados nos festejos. Possui como objeto de trabalho a pesquisa sobre o naufrágio do barco, que trazia negros africanos escravizados para o Brasil.

Oficina máscaras de gesso

Material necessário: 1) ataduras de gesso; 2) tesoura; 3) recipiente com água; 4) jornal ou revistas velhas.

Modo de preparo: 1) recorte a atadura de gesso em tiras pequenas; 2) cubra o rosto de uma pessoa com as tiras da atadura, deixando o espaço do olho e do nariz abertos; 3) repita esse processo por cinco vezes; 4) depois de pronto, peça a pessoa para ir mexendo o rosto para que a máscara descole; 5) cuidadosamente retire a máscara e a coloque num suporte montado a partir de papel amassado e moldado de acordo com a máscara; 6) depois de seca, pinte a máscara. As máscaras contam a história do João Bananeira, integrante do Congo, onde se pode explorar toda riqueza dessa expressão cultural Capixaba.

Oficina abayomi

Material necessário: 1) fio de malha na cor preta; 2) retalhos de tecido coloridos; 3) tesoura.

Modo de preparo: 1) após a leitura do livro *Abayomi, encontro precioso*, inicie a confecção da boneca; 2) corte uma tira do fio de malha medindo 40 centímetros; 3) corte uma tira do fio de malha medindo 25 centímetros; 4) dobre o fio de malha maior ao meio, faça um nó pela parte que está dobrada, formando assim a cabeça; 5) nas duas tiras que se formaram, dê um nó em cada uma delas, formando as pernas; 6) pegue outra tira de fio de malha e amarre logo abaixo do nó que formou a cabeça. Em cada ponta, de um nó, formando os braços; 7) com os retalhos de tecido, confeccione as vestimentas para a boneca. Essa bonequinha de pano, conta a lenda sobre as viagens nos porões dos navios negreiros, onde eram confeccionadas pelas mães para entretenimento das crianças que junto sofriam com a viagem nos porões dos navios negreiros.

Oficina de painéis de barro

Material necessário: 1) Garrafa pet 2l ou 1,5l; 2) Papel machê ou similar; 3) Tintura de Tanino; 4) Tesoura ou Estilete.

Modo de preparo: 1) Corte a garrafa pet a uma altura de 4 ou 5 dedos medidos no fundo da garrafa; 2) Envolve toda com papel machê de forma que cubra toda a peça; 3) Pinte a peça com a tinta de Tanino e ponha para secar; 4) Modele uma tampa com o que sobrou da garrafa e do papel fazendo o mesmo processo da panela. As paneleiras de goiabeiras, ofício das paneleiras é considerado de origem indígena e africana, são reconhecidas e aprenderam o ofício de fazer painéis de barro com seus ancestrais, bisavós, avós, mães. Importante atividade, onde as crianças passam a conhecer de perto esse ofício que é milenar.

Livros para a contação de história com temática dos Povos Originários e Afrobrasileiros.

Pendrive carregado com narrativas e vídeos sobre as atividades pedagógicas, oficinas e projetos desenvolvidos na EMEF Adão Benezath.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Sobre as razões das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. *In*: GARCIA, Regina Leite (org.) Diálogos cotidianos. Petrópolis: DP ET Alii/Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.
- ALVES, Nilda. **Práticas Pedagógicas em Imagens e Narrativas**: memórias de processos didáticos curriculares para pensar as escolas de hoje. São Paulo: Cortez, 2019.
- ARAÚJO, Noélia da Silva Miranda de. *Zacimba Gaba*, nsorommaeditora, Vitória-ES, 1976.
- ARAÚJO, Noélia da Silva Miranda de. *Natalino, pretinho pretinho*, nsorommaeditora, Vitória-ES, 2022.
- FARIA, Fledson Silva. **Educações ambientais com os usos de drones e artefatos tecnoculturais na Reserva de Desenvolvimento Sustentável dos Manguezais de Cariacica e nos cotidianos escolares**. 2021. 201 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.
- FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial**: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos: São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: ed. Paz e Terra, 1987.
- GAMA, Raphael da Silva. **Educação Ambiental e o Racismo Ambiental no Bairro José de Anchieta – Serra ES e nos Cotidianos Escolares**. 2022, 116 fl. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.
- GONZALEZ, Soler. **Educação ambiental autopoiética com as práticas do bairro Ilha das Caieiras entre os manguezais e as escolas**. 2013. 172 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.
- GONZALEZ, Soler; RAMOS, Andreia Teixeira. Educação ambiental autopoiética em redes de conversações na vida cotidiana. **Textura – Revista de Educação e Letras**, Salvador, v. 30, n. 30, p. 86-106, jan./abr. 2014.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está a venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MACIEL, Cleber. *Negros no Espírito Santo*. Org. Osvaldo Martins de Oliveira. 2. ed. Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

OLIVEIRA, Beatriz Gonçalves; LIBARDI, Jamile; OLIVEIRA, Karen Carla Lima de; Passos, Oliveira Máyra Monfardini; CORADINI, Natalia Barbosa. *Educação ambiental e cultura de mangue nos cotidianos escolares: práticas pedagógicas que aproximam a escola, universidade e a comunidade*. 2019. 82f. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Geografia – Departamento de Educação, Política e Sociedade, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

RAMOS, Teixeira Andreia. **Educação ambiental entre os carnavais dos amores com os mascarados do congo de Roda D'Água**. 2013. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

RAMOS, Andreia Texeira. **Mulheres no congo do Espírito Santo: práticas de re-existência ecologista com os cotidianos escolares**. 2018. 319 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pro-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Inovação – Programa de Pós -Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2018.

REIGOTA, Marcos. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 1-6, jan./abr. 2010.